

CISION®

PRESS BOOK

Clipping 2019-10-21

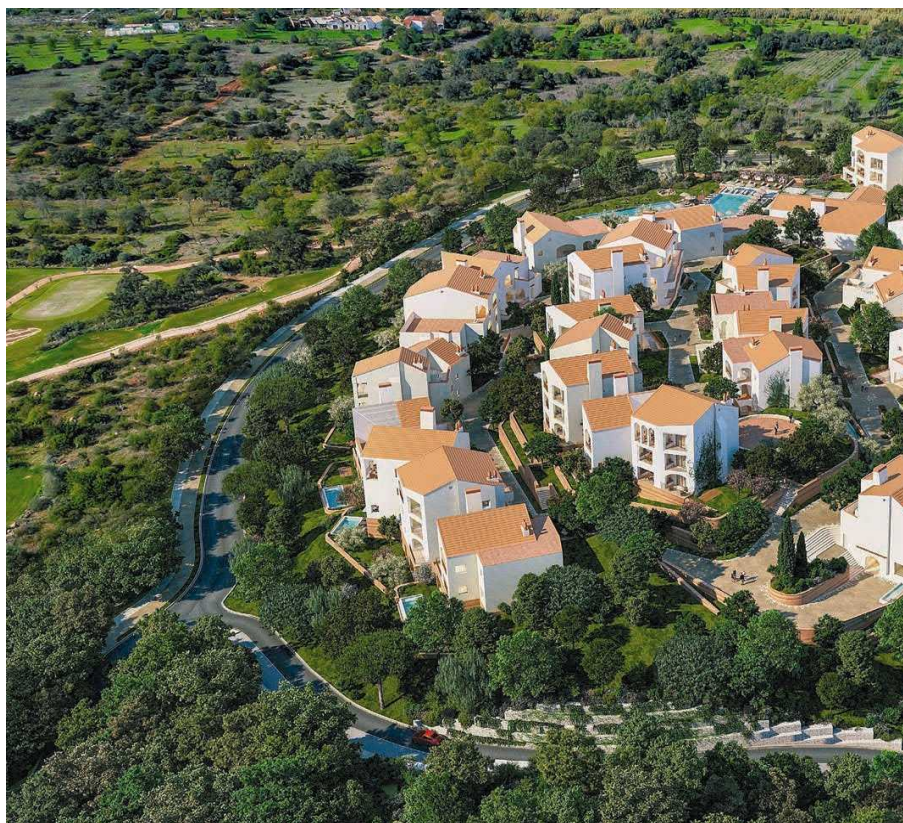
CISION®

1. Está a nascer uma nova Quinta do Lago no Algarve, Expresso - Economia, 19/10/2019	1
2. Reservas nos hotéis antecipam melhor Natal e passagem de ano de sempre, Jornal de Notícias, 21/10/2019	4
3. Algarve vai ter centro de cirurgia virtual para treinar médicos, Público, 21/10/2019	6
4. Há centenas de frutos no alojamento local mas poucos detidos, Jornal de Notícias, 21/10/2019	7
5. Brasil e Angola são os únicos mercados que não abrandam, Expresso - Economia, 19/10/2019	9
6. Quem tem boca vai a Roma. Ouviste, Alexa?, Público - Fugas, 19/10/2019	11
7. Festival da Comida Esquecida, SIC - Primeiro Jornal, 20/10/2019	12
8. Algarve - Um festival para nos lembrar de comida que não devemos esquecer, Público - Fugas, 19/10/2019	13
9. "Minuto Verde", RTP 1 - Bom Dia Portugal, 21/10/2019	18
10. Editorial - Gente que não sabe do que fala, Público - Golfe, 21/10/2019	19
11. Prémios em queda não travam estrelas, Público - Golfe, 21/10/2019	20
12. Algarve eleito melhor destino de golfe do Mundo, Jornal de Notícias, 19/10/2019	21
13. Atividade turística em agosto, TVI - Jornal da Uma, 20/10/2019	22
14. Turismo no Alentejo dispara em 2019, TVI - Jornal das 8, 19/10/2019	23
15. Portugueses ajudam a acelerar turismo, Sol, 19/10/2019	24
16. Novas regras para alojamento local, Sol, 19/10/2019	25
17. Incertezas podem comprometer metas do OE, Sol, 19/10/2019	26
18. Lanzarote, exceção no turismo, RTP Madeira - Telejornal Madeira, 18/10/2019	28
19. Alterações climáticas na Bacia do Mediterrâneo, RTP 1 - Telejornal, 18/10/2019	29



Turismo O Ombria Resort vai trazer a Portugal os hotéis Viceroy e casas geridas pela cadeia de cinco estrelas. Ao todo, incluirá 380 residências

Está a nascer uma nova 'Quinta do Lago' no Algarve



CONCEIÇÃO ANTUNES

A té ao final do ano, vai iniciar-se a obra do que promete ser um novo grande empreendimento turístico-imobiliário no Algarve. O Ombria Resort, numa propriedade de com 150 hectares no concelho de Loulé, vai trazer a Portugal a Viceroy, cadeia norte-americana de hotéis de cinco estrelas, que também irá assumir um papel proeminente na componente imobiliária do complexo, onde terá casas com a sua assinatura. Promovido pelo grupo finlandês Pontos, o projeto no interior do Algarve irá incluir ao todo 380 residências, num investimento global que ascende a €260 milhões.

“Vai ser o primeiro Viceroy da Europa com componente imobiliária, e também vai ser a primeira vez que

em Portugal há *branded residences*, um conceito completamente distinto”, frisa Júlio Delgado, presidente executivo do Ombria Resort, adiantando que a vertente do imobiliário foi o que mais pesou na escolha da marca. “É muito difícil encontrar uma companhia hoteleira de cinco estrelas que conheça tão bem a parte imobiliária, e 60% dos resorts que a Viceroy incluem esta componente”, refere o diretor-geral.

Golfe do Ombria já concluído

A primeira fase do Ombria Resort, que deverá ficar concluída em 2021, inclui a construção do hotel, golfe e centro de conferências, além do spa, *kids club* ou os seis restaurantes do complexo, envolvendo investimentos de €100 milhões.

Segundo Júlio Delgado, as obras deverão iniciar-se ainda em 2019, estando já concluída toda a parte de infraestruturas do *resort*. Também o campo de golfe da Quinta do Ombria com 18 buracos ficou este ano finalizado, mas para começar a funcionar terá de aguardar pela inauguração oficial de todas as obras incluídas na primeira fase do projeto, em 2021, altura em que também estará construído o seu *clubhouse*.

Nesta primeira fase, o empreendimento em Loulé vai ficar com 150 unidades residenciais, destacando-se aqui o hotel Viceroy at Ombria Resort, que além dos seus 76 quartos vai integrar 65 apartamentos para venda a particulares, e que irão fazer parte da operação hoteleira. Os proprietários podem utilizar os apartamentos dez semanas por ano, tendo garantidos, no mínimo, 5% anuais de todo o investimento que fizeram, e por um período de cinco anos. Geridas e mobiladas pela Viceroy, estas *branded residences*

são comercializadas a preços entre €300 mil e €850 mil (a que se acrescem ‘pacotes de mobília’, de €35 mil a €85 mil), estando neste momento 10% já reservadas por ingleses, holandeses ou suíços, conforme adianta Júlio Delgado.

O responsável do Ombria Resort chama a atenção para a baixa densidade de construção — que irá ocupar 3,5% da propriedade — e também para o conceito diferenciador da arquitetura do hotel. “Vai ser, de alguma forma, a réplica de uma pequena aldeia típica algarvia, com um pouquinho de Querença, que fica perto. O hotel vai ter uma praça central com três restaurantes, como se fosse o coração da aldeia”, refere Júlio Delgado, frisando que “para nós, era importante ir na linha de um *open resort*, com uma alma que tem a ver com o local, não quisémos fazer no Algarve um clássico ‘monstro’ como se vê nos novos hotéis um pouco por todo o mundo, em Las Vegas ou Miami”.

Além do hotel com casas assinadas pela Viceroy, o Ombria Resort vai incluir várias outras componentes de imobiliário. É o caso das Alcedo Villas que irão ficar nas proximidades do hotel, num conjunto que perfaz 12 moradias isoladas em lotes de terreno individuais, com áreas que vão de 1,7 mil a 3,3 mil metros quadrados. Estas moradias terão três a sete quartos, piscina aquecida, jardim e garagem para três carros, variando os seus preços de lançamento entre €2.500 milhões e €4 milhões.

Mais perto do campo de golfe, e a sul do hotel, o Ombria Resort vai integrar o Oriole Village, que terá 83 apartamentos, moradias e vivendas, cuja conceção está a cargo do ateliê de arquitetura Promontório, que aqui também assume ter como fonte de



CASAS DE MARCA VICEROY

“Não vai ser só um hotel com residências, mas um conceito único de imobiliário turístico em Portugal. E não quisemos fazer um clássico ‘monstro’, como se vê em Las Vegas ou Miami”

Júlio Delgado
CEO do Ombria Resort

inspiração “uma aldeia tradicional do barrocal algarvio, para recriar um espaço onde a natureza é respeitada e protegida”.

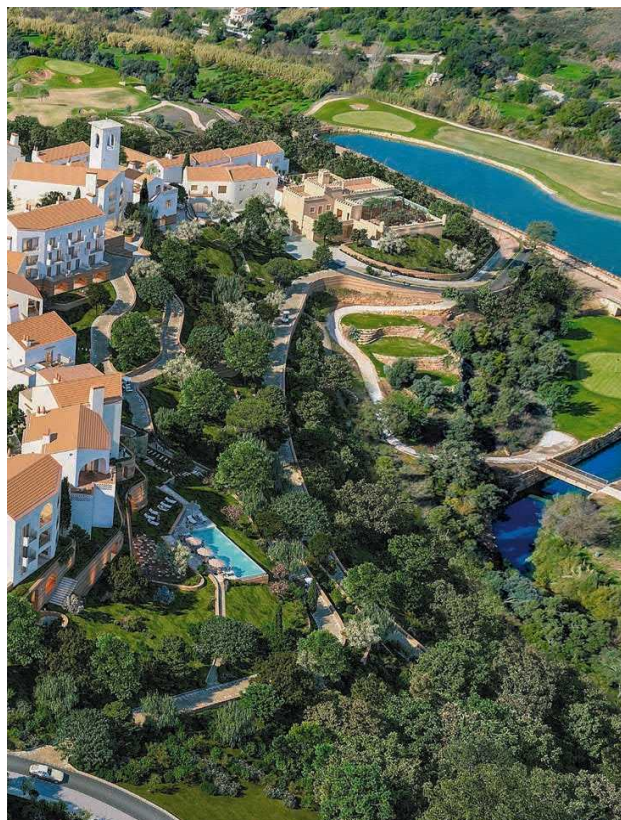
De acordo com Júlio Delgado, estas moradias serão desenvolvidas à medida que forem comercializadas, prevendo-se que o *resort* venha a incluir mais 120 unidades residenciais numa segunda fase, o que deverá ocorrer entre 2023 e 2025. Uma terceira e última fase irá integrar mais 70 unidades, entre apartamentos e moradias, geminadas ou isoladas, mas ainda sem data definitiva de conclusão. “Esperamos ficar com tudo feito até 2030”, avança o responsável.

Estúdio de música e centro desportivo a funcionar no resort

O grupo adquiriu recentemente um terreno com 33 hectares contíguo ao empreendimento, no objetivo de construir um centro desportivo equipado para equipas internacionais fazerem estágios no Algarve, em localidades que vão do futebol ao rãguebi ou ao críquete. Apesar de não estar contemplado no *masterplan* (plano diretor), o CEO do Ombria Resort prevê que o centro desportivo possa ficar concluído na segunda fase do projeto.

“Estamos também a contactar um potencial parceiro para fazer um estúdio profissional de gravação de música dentro do resort. É um negócio original para o Algarve”, adianta Júlio Delgado, referindo que “esta localização é interessante, porque os artistas quando estão a gravar discos querem estar num sítio calmo, longe das multidões, e com serviços de um hotel de cinco estrelas, o que não é fácil de encontrar”.

Estas estruturas “vão ajudar a reduzir a sazonalidade no Algarve, este ob-



jetivo para nós é importante, e estamos aqui alinhados com as autoridades portuguesas", salienta Júlio Delgado. "Pretendemos atrair cantores, escritores, e também temos residências para artistas poderem vir cá e trabalhar, tudo isso faz parte do nosso ADN".

Para o responsável do Ombria, o "luxo sustentável" é outro foco do resort, que vai ter um observatório astronómico, horta biológica ou postos de abastecimento para carros elétricos.

O Ombria Resort já está no projeto dos finlandeses do grupo Pontos há

HOTEL VAI RECRIAR UMA ALDEIA TÍPICA ALGARVIA

O Viceroy at Ombria Resort integra um hotel de cinco estrelas com 76 quartos, além de 65 *branded residences* — apartamentos T1 e T2 para venda a particulares, mas que serão geridos pela cadeia hoteleira (à esquerda, imagem de antevisão). O próprio hotel pretende recriar uma aldeia típica do interior algarvio, tendo uma praça central com restaurantes e lojas, a partir da qual se estenderão os edifícios de apartamentos com assinatura da Viceroy (em baixo). Os proprietários adquirem as Viceroy Residences já equipadas e mobiladas aos padrões da marca, usufruindo de todos os serviços do hotel (limpeza, manutenção ou concierge, além dos seus seis restaurantes e bares, ginásio ou piscinas). "Não é só um hotel, é um conceito único em Portugal de imobiliário turístico", frisa Júlio Delgado, CEO do Ombria Resort.



várias décadas, tendo tido o seu último *masterplan* aprovado em 2012. Segundo o diretor-geral, o projeto do Algarve é a 'menina dos olhos' para Ilpo Kokkila, o presidente do grupo de investimento imobiliário da Finlândia. Como também frisa João

Richard da Costa, diretor de marketing do Ombria Resort, "a saúde financeira do promotor tem permitido ao grupo Pontos ser tão paciente e passar por estas etapas todas neste projeto para o Algarve".

cantunes@expresso.impresa.pt

INVESTIMENTO FINLANDÊS

€260

milhões é o investimento previsto para a totalidade do projeto Ombria Resort, promovido pelo grupo finlandês Pontos. A 1ª fase, a concluir até 2021, irá envolver €100 milhões

€300

mil a €4 milhões são os preços de venda das casas no resort, variando em função de se tratar de apartamentos, moradias (geminadas e em banda) ou residências isoladas em lotes de terreno individuais

5%

líquidos anuais sobre o valor da compra (por cinco anos) é o mínimo garantido ao proprietário que coloca as casas em operação turística

150

hectares é a área do Ombria Resort no concelho de Loulé, a que se somam 33 hectares adjacentes para fazer um centro desportivo

ifthenpay
Referências Multibanco
para a sua empresa
www.ifthenpay.com

A
THE ADECCO GROUP

OPINIÃO

Estrela de Centeno perdeu brilho

LUÍS MARQUES E8

Empresas globais têm de ser taxadas

JOSEPH STIGLITZ E39



Prémio Nobel da Economia de 2019
RICARDO REIS E SANDRA MAXIMIANO E5 E 14

PESSOAS

➔ **Simão Soares** é o novo presidente da Associação Portuguesa de Bioindústria E36

➔ **Dicas** Guia para atrair recrutadores na Web Summit E36



AQUI VOCÊ É
O CONVIDADO
DE HONRA

TRIBUNA

SIGA-NOS NO FACEBOOK

facebook.com/tribunaexpresso

ECONOMIA

IMOBILIÁRIO
& EMPREGO

Expresso

2451
19 de outubro de 2019
www.expresso.pt

Construtoras espanholas dominam obras públicas da ferrovia

➔ Nos principais concursos da Infraestruturas de Portugal a **quota espanhola é de 70%** ➔ Armada espanhola **ganha terreno** nas estradas ➔ Hospitais e metros podem ditar uma nova relação de forças ➔ António Mota acusa mercado espanhol de protecionismo E13



A Malo Clinic sobreviverá sem o seu fundador?

Alavancada em crédito e capital do GES, a empresa acumula prejuízos desde 2015

Paulo Maló, que perdeu a Malo Clinic para o fundo Atena, garante que o Novo Banco tinha uma proposta de recuperação que evitava o processo de revitalização e o perdão da dívida. E12

Como a Super Bock manipulou o preço das cervejas E22

Está a nascer uma nova 'Quinta do Lago' no Algarve E24

CONHEÇA O SUPERMERCADO DO FUTURO

Os super e hipermercados em Portugal estão cada vez mais tecnológicos, têm sistemas automáticos de pagamento e maior utilização de inteligência artificial E20



ILUSTRAÇÃO: HELDER OLIVEIRA

Brasil e Angola são os únicos mercados que não abrandam

Maioria dos clientes das exportações nacionais perde fôlego. Vendas ao exterior já estão a travar

A economia portuguesa é uma das 'doentes' do euro. Em década e meia, o PIB vai crescer apenas 12,3%, caso se confirmem as previsões do FMI, sendo um dos mais lentos da moeda única. Este abrandamento dos maiores clientes esmora o cenário e há indicadores de alerta nas exportações em vários sectores. E10



Manuela Ferreira Leite

ELIMINAR OBSTÁCULOS

A corrupção caracteriza-se por uma atitude de oferta de alguma coisa para obter uma vantagem indevida associada a uma ausência de princípios éticos que devem nortear a vida. Daí que seja condenável, qualquer que seja a sua dimensão.

A pequena corrupção tem-se alastrado e, neste caso, importaria muito mais ponderar nas suas causas do que alardear meios e resultados ao seu combate.

A pequena corrupção nasce e sobrevive em consequência de pesada burocracia, de estruturas administrativas ineficientes, de baixos salários e de reduzidos níveis de literacia.

Talvez os recursos gastos nas investigações da Polícia Judiciária aplicados em desburocratização fossem mais eficazes

Recentes notícias sobre este grave problema são elucidativas. Percebe-se que prolifera essencialmente na obtenção de documentos lícitos e obrigatórios, tais como os necessários à legalização de emigrantes, na obtenção de números da Segurança Social ou atestados de residência, elementos essenciais para um contrato de trabalho. Só quem desconhece o martírio para a obtenção destes documentos ficará admirado que no seu desespero haja sempre quem pague o que se lhes pede, mesmo o que não têm, a um advogado sem escrúpulos que rapidamente lhes trata do assunto com a cumplicidade de outros funcionários.

Talvez os recursos gastos nas investigações da Polícia Judiciária aplicados em desburocratização e em mais funcionários fossem mais eficazes se destinados a eliminar obstáculos inoperacionais que desmoralizam os cidadãos e incentivam a procura de soluções alternativas.



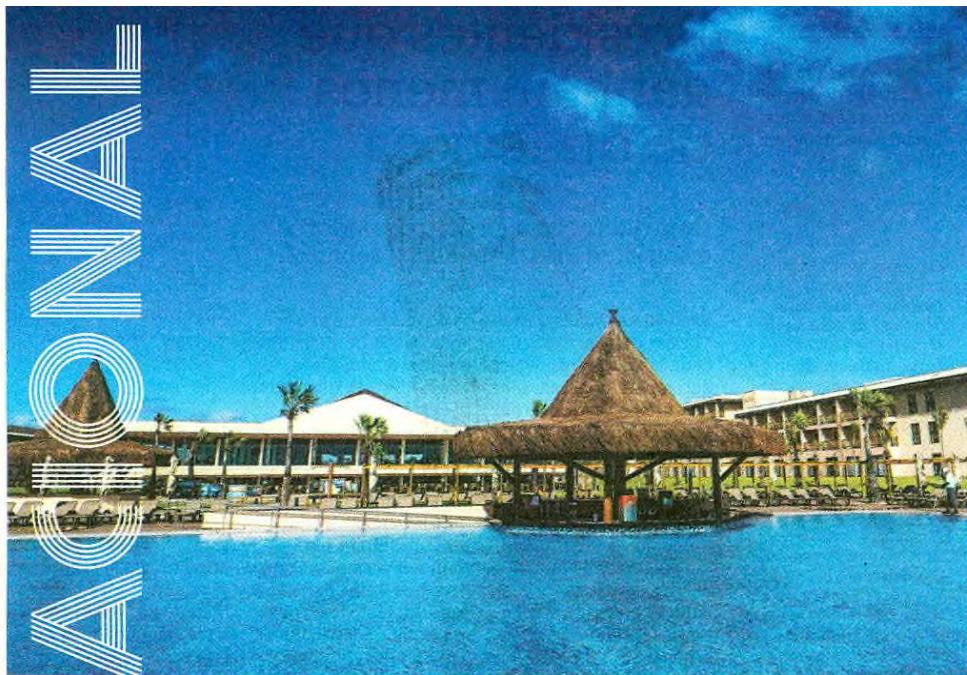
mundo 1|2|3 negócios

Um menu recheado de soluções?
Só no banco cá do bairro.

Informe-se nos nossos balcões
ou em www.santander.pt

Santander
Empresas

O que podemos fazer pelo seu negócio hoje?



Já se vendem programas para o réveillon desde setembro

PORTUGUESES

12,3%

viagens ao estrangeiro
Os dados mais recentes do INE mantêm o crescimento das viagens dos portugueses ao estrangeiro (12,3% do total), mais do que "cá dentro".

Mais turistas

Durante os primeiros oito meses deste ano, a hotelaria acolheu mais de 7,2 milhões de turistas residentes (+8,2%).

Duas noites

Quase 14,7 milhões de dormidas dos residentes até agosto significaram um aumento de 6,6%, mas a estada média diminuiu para duas noites.

Esgotaram operações mais limitadas e há hotéis à espera do melhor ano de sempre no que toca a reservas

Erika Nunes
erika@jn.pt

FESTEJOS Os portugueses começaram a pensar no fim de ano mal arrumaram o protetor solar. Desde setembro que as agências vendem programas, tendo inclusive esgotado já operações mais limitadas, como os charters para Salvador. Os hotéis nunca receberam reservas com tanta antecedência e há quem perspetive o melhor ano de sempre.

"Nunca a reserva foi feita com tanta antecedência quer por famílias quer por grupos de amigos e empresas também, que querem realizar eventos corporativos de fim de ano", revelou

Vincent Poulingue, diretor-geral dos hotéis IHG (Intercontinental e Crown Plaza) no Porto. "Poderá vir a ser o melhor ano de sempre", calculou. No Crown Plaza, a ocupação está já a 55% e a do Intercontinental regista "um crescimento de 30% face ao ano passado". Na plataforma de reservas do Booking.com, os 88 hotéis da cidade do Porto já estão 98% reservados para a noite de 31 de dezembro.

PERSPETIVAS OTIMISTAS

"A informação de que dispomos aponta para uma expectativa dos empresários muito positiva. A maioria está convicta de que os resultados serão iguais ou su-

EMPRESAS

Festas de Natal já a esgotar

As empresas anteciparam a marcação de eventos de Natal, este ano, havendo já hotéis com salas esgotadas para as datas mais próximas. Quem quis assegurar determinado local teve de fazê-lo no final do verão, segundo apurou o JN. No caso do Crowne Plaza Porto, por exemplo, o diretor pondera vir a adaptar "outras salas para esta época do ano", uma vez que a procura supera a capacidade da oferta.

periores aos de 2018", analisou Luis Pedro Martins, presidente do Turismo do Porto e Norte.

No resto do país, as Pousadas de Portugal, que chegaram a 97% de ocupação no réveillon de 2018, também já têm procura para a próxima passagem de ano, especialmente para as unidades de Viana, Guimarães, Amares, Viseu, Queluz, Alcácer, Arraiolos, Tavira e Estói.

"A programação de fim de ano começou a gerar vendas expressivas no início de setembro", explicou fonte da Agência Abreu. Em Portugal, à semelhança de anos anteriores, os programas mais procurados ficam na Madeira, nos Açores, no Douro (especialmente os cruzeiros, cuja oferta duplicou) e em "hotelaria diversificada em várias regiões do continente".

Entre os que viajam para o estrangeiro, os destinos mais próximos são os mais procurados - Marrocos, Cabo Verde, S. Tomé e cidades europeias como Paris, Praga, Roma e Barcelona -, mas também há clientes para viagens mais distantes, como o Brasil, Dubai e os EUA (Nova Iorque e Miami). No caso de Salvador, "as operações charter já estão esgotadas", acrescentou a mesma fonte.

Na Expo Abreu do próximo fim de semana, a maior agência portuguesa planeia vender "não só os destinos deste inverno, mas também programação para o Carnaval, Páscoa e verão 2020". O evento, que começou por ser uma mostra de viagens de inverno até à Páscoa, passou a incluir "muita programação para o verão" do ano que vem. ●

Os 10 destinos de fim de ano

- 1º Brasil**
Charters para Salvador já esgotaram, há vagas noutras operações.
- 2º Madeira**
Milhares reservam passagem de ano no Funchal e Porto Santo.
- 3º Açores**
A procura para as ilhas do Atlântico no réveillon não esmoreceu.
- 4º Douro**
Há mais navios a oferecer jantar e festa na última noite do ano.
- 5º Marrocos**
A proximidade e os preços moderados aumentaram vendas em 2019.
- 6º Cabo Verde**
Mantém posição, há anos no top dos destinos de médio curso preferidos.
- 7º S. Tomé**
Destino africano entrou nas preferências dos portugueses.
- 8º Dubai**
Voos diretos e programas acessíveis facilitam as vendas do destino.
- 9º Cidades europeias**
Paris, Praga, Roma e Barcelona, entre outras, com maior procura.
- 10º EUA**
Nova Iorque e Miami são os destinos preferidos dos portugueses.

Jornal de Notícias

Rapaz de 12 anos mordido por cobra píton dos pais

Foi levado ao hospital. Animal em situação ilegal apreendido P. 24



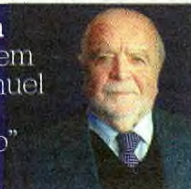
Superior Cursos de Agricultura têm cada vez menos alunos P. 10 e 11

Há centenas de furtos no alojamento local mas poucos detidos P. 14

Ovar Um projeto que visa manter crianças ciganas na escola P. 22 e 23

Portagens Burocracia dificulta pagamento em carros alugados P. 8

Escritaria Homenagem deixa Manuel Alegre "comovido" P. 32



Reservas nos hotéis antecipam melhor Natal e passagem de ano de sempre

Corrida às miniférias começou logo no início do mês de setembro

Destino preferido fora do país é o Brasil e pacotes estão esgotados P. 6

Seis centenas a consumir droga nas ruas do Porto

Técnicos de saúde alertam para o agravar do problema. Viela do Anjo volta a ser uma "sala de chuto" P. 18 e 19



Já deixou de ser exceção ganhar mais do que o primeiro-ministro

Saiba quanto se recebe no Estado, nos reguladores e nas empresas públicas P. 4 e 5



Sporting Violência leva ao corte de relações com as claques

Cancelados protocolos do Directivo XXI e da Juve Leo P. 44

Taça Boavista e Marítimo eliminados por Chaves e Beira-Mar

Famalicão apanha susto mas safa-se nos penáltis P. 40 e 43



VENHA CONHECER O
NOVO ESPAÇO JN

Praça da República, n.º 65, Porto | Tel.: 222 096 245 | baicao@globalmediagroup.pt

ESPAÇO



PUBLICIDADE



Algarve vai ter centro de cirurgia virtual para treinar médicos

Projecto inédito no país, que junta várias entidades públicas, inclui centro de investigação e um outro de reabilitação, com enfoque no turismo de saúde. Investimento previsto é de 24 milhões de euros

Saúde
Ana Maia

Está a nascer no Algarve um projecto dedicado à investigação, inovação e turismo de saúde, que resulta de uma parceria entre o Centro Académico de Investigação e Formação do Algarve (ABC – Algarve Biomedical Center) e a Câmara Municipal de Loulé. Um investimento de 24 milhões de euros que pretende levar mais médicos para a zona do Sul do país. Uma das novidades será a criação do primeiro centro de cirurgia virtual a quatro dimensões em Portugal.

“O centro académico identificou algumas dificuldades na região do Algarve, nomeadamente a captação e fixação de profissionais nos hospitais públicos. E o projecto nasceu a pensar: ‘O que é necessário fazer que isso não aconteça?’”, contou ao PÚBLICO Nuno Marques, presidente do ABC, instituição que resulta de um consórcio entre a Universidade do Algarve e o Centro Hospitalar e Universitário do Algarve.

A resposta foi a criação de um projecto dedicado à investigação, mas também com foco no turismo de saúde e bem-estar. Para isso vão ser construídos dois centros que deverão estar concluídos em 2022. Grande parte do investimento financeiro inicial é da autarquia de Loulé: 18 milhões de euros. O plano prevê também candidaturas a financiamentos europeus e parcerias com universidades e centros académicos estrangeiros.

É no ABC Loulé Health Research Center – mais dedicado à inovação e investigação, a ser construído em Loulé – que vai ser criado o centro de cirurgia experimental de realidade virtual. Deverá começar a dar os primeiros cursos em 2024. “Vamos ser o primeiro centro a treinar em realidade virtual a quatro dimensões”, disse Nuno Marques, cardiologista no Centro Hospitalar do Algarve, explicando que os centros de cirurgia experimental que existem usam modelos animais, que eles também terão.

A sala de treino será igual a um



Nuno Marques, presidente do ABC – Algarve Biomedical Center, explica que os centros devem começar a funcionar em 2022



No Centro Loulé Active Life os mesmos cuidados de excelência que vamos pôr ao serviço dos turistas vão ser postos ao serviço da população

Nuno Marques
Centro Académico de Investigação do Algarve

bloco operatório. Só não terá na marquete um doente de carne e osso. “A quarta dimensão é a profundidade, dá a percepção que temos algo à frente. Os médicos terão de ter a mesma precisão, aparecem os erros e o ‘doente’ pode morrer.” Os primeiros cursos serão de cirurgias laparoscópicas. “Mas dá para treinar qualquer tipo de cirurgia”, adiantou Nuno Marques, referindo que, do que conhece, este poderá ser também o primeiro centro de realidade virtual a quatro dimensões da Europa.

O centro de Loulé vai também ter alguns projectos que o centro académico já tem em desenvolvimento, como um biobanco de tecidos e células a ser usados na investigação e ainda iniciativas com outras instituições. “O Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge desenvolveu connosco o

centro de investigação entomológica (doenças transmitidas pelos mosquitos). O Instituto Português do Sangue e Transplantação tinha a necessidade de criar uma seroteca nacional [soro do sangue]. O banco nacional de células estaminais é outro dos projectos que irá passar para lá”, exemplificou. Estão também a ser desenvolvidos projectos com o Infarmed e a Direcção-Geral da Saúde.

“Cuidados de excelência”

Já o Centro Loulé Active Life, que vai ser construído em Vilamoura e tem maior enfoque no turismo de saúde, estará mais ligado à formação e envelhecimento activo. “É um centro de reabilitação cardíaca, respiratória e osteoarticular, sem nenhum foco para o internamento. Já temos um centro de investigação nesta área e iremos passar à prática ligados ao turismo.

Virão pessoas de outros países, que podem estar nos seus hotéis, e fazem a reabilitação enquanto estão cá.”

O objectivo, apontou, “é ajudar as pessoas a melhorar a qualidade de vida”. “Vai ser feito ligado a um centro da cinética do movimento – as análises da cinética do movimento são muito usadas para os atletas de alta competição –, que vai otimizar o que está a ser feito para cada pessoa. Os mesmos cuidados de excelência que vamos pôr ao serviço dos turistas vão ser postos ao serviço da população através dos centros de saúde, que podem para lá mandar os doentes do SNS para fazer reabilitação. Desde o início que a Administração Regional de Saúde está envolvida no processo”, garantiu ainda Nuno Marques.

ana.maia@publico.pt



JUSTIÇA

PORMENORES

90557

registos de alojamento local em todo o país, a data de 1 de janeiro. A maioria destas habitações situa-se nos distritos de Lisboa, Porto e Faro, em particular nos centros históricos. Tem aumentado, nos últimos anos, o número de registos acumulados: 32 829 (2016); 52 673 (2017) e 77 515 (2018).

Tecnologia atrai

De acordo com a PSP de Lisboa, são procurados pelos ladrões sobretudo objetos de informática e eletrodomésticos. Alguns são pontualmente recuperados.

Queda no inverno

Apesar de ocorrerem ao longo de todo o ano, há tendência para um "pequeno decréscimo" do número de participações à PSP de Lisboa nos meses de inverno.

Turistas e proprietários das habitações são mais afetados pelos ladrões em Lisboa do que no Porto



OLIVANDO ALMEIDA - GLOBALIMAGENS

Mais de meio milhar de furtos no alojamento local quase sem detidos

A PSP apanhou, em ano e meio, seis pessoas em Lisboa e nenhuma no Porto, onde só há "alguns suspeitos" identificados

Inês Banha*
ines.banha@jn.pt

CRIME NO TURISMO Os autores de furtos em habitações destinadas ao alojamento local em Lisboa e no Porto estão a conseguir escapar às malhas da Polícia. Entre o início de 2018 e 30 de junho deste ano, foram apresentadas à PSP, só no distrito de Lisboa, 518 queixas por este crime, mas apenas seis pessoas foram detidas, ainda que "várias" outras tenham sido identificadas. Já no do Porto – onde foram registados, no mesmo período, 62 furtos em estabelecimentos hoteleiros – não há detenções e estão somente identificados "alguns suspeitos".

Eduardo Miranda, presidente da Associação de Alojamento Local em Portugal (ALEP), reconhece que "é desagradável" para o negócio, mas ressalva que a PSP tem vindo a fazer "um trabalho de prevenção e de investigação". E recusa alimentar "alarmismos".

Os dados foram fornecidos ao JN pelos comandos metropolitanos de Lisboa e do Porto da PSP e resumem um fenómeno que explodiu a partir do ano passado, sobretudo

na capital. Depois de, em 2016 e 2017, terem existido 24 e 67 queixas por furtos no alojamento local em Lisboa, a PSP recebeu, no ano passado, 370 participações – mais 279 do que o total dos dois anteriores. Já no primeiro semestre deste ano, foram registadas 148 situações, o que poderá indiciar ou a manutenção ou um ligeiro decréscimo do fenómeno.

No Porto, onde a PSP não distingue entre crimes em unidades hoteleiras e no alojamento local, o problema é de menor dimensão. Em 2017, foram apresentadas 33 queixas e, no ano seguinte, mais oito. Já até 30 de junho deste ano, foram recebidas 21 participações, metade das de todo o ano de 2018.

SETOR DESVALORIZA CRIMES

Apesar desta discrepância, os números aproximam-se quando em causa está a quantidade de suspeitos apanhados pela PSP entre 1 de janeiro de 2018 e 30 de junho deste ano. Se na área do Comando do Porto "não foram efetuadas detenções, encontrando-se alguns suspeitos identificados", na do Comando de Lisboa foram detidas, no ano passado quatro pes-

soas, por se apropriarem de bens dos hóspedes da habitação e, no primeiro semestre deste ano, duas por terem subtraído algo ao recheio da residência. Em ambos, houve ainda "vários suspeitos identificados/arguidos", mas, feitas as contas, existiram apenas seis detenções para 518 furtos. E sempre fora de flagrante delito.

O cenário é desvalorizado pelo presidente da ALEP. Ao JN, Eduardo Miranda fala num "crime oportunista" similar aos furtos que ocorrem, por exemplo, no metropolitano. Lembrando que o número de casas destinadas ao alojamento local também aumentou, o dirigente não quer criar "alarmismos desnecessários". "Lisboa continua a ser uma das cidades mais seguras do mundo", frisa.

No Porto, a PSP confirma que, "na maioria dos casos", se trata de furtos de "oportunidade, descuido, astúcia ou introdução de chave falsa". Já em Lisboa, a mesma força garante não ser ainda possível inferir-se a opção dos suspeitos de roubar o alojamento local é, se quer, propositada. ●

* COM REIS PINTO

EXCEÇÃO

Jovem ladrão foi apanhado por hóspedes

Além dos seis detidos até junho referidos pela PSP, foi apanhado em setembro, em Lisboa, um jovem que trepou até ao primeiro andar de um prédio no Centro Histórico. O homem, de 18 anos, foi interceptado por um dos hóspedes do apartamento, estrangeiro, após entrar pela janela. "À chegada dos meios policiais, o suspeito foi encontrado na posse de vários objetos subtraídos do local", no valor de 1720 euros, adiantou então o Comando Metropolitano de Lisboa da PSP. Ao contrário das restantes, esta detenção aconteceu em flagrante delito. O jovem ficou sujeito a apresentações semanais às autoridades.

Jornal de Notícias

**Rapaz de 12 anos
mordido por cobra
pítón dos pais**

Foi levado ao hospital. Animal
em situação ilegal apreendido P. 24



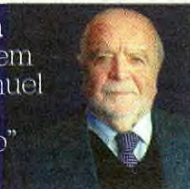
**Superior Cursos de
Agricultura têm cada
vez menos alunos P. 10 e 11**

**Há centenas de furtos
no alojamento local
mas poucos detidos P. 14**

**Ovar Um projeto que
visa manter crianças
ciganas na escola P. 22 e 23**

**Portagens Burocracia
dificulta pagamento
em carros alugados P. 8**

**Escritaria
Homenagem
deixa Manuel
Alegre
"comovido"
P. 32**



Reservas nos hotéis antecipam melhor Natal e passagem de ano de sempre

Corrida às miniférias começou
logo no início do mês de setembro

Destino preferido fora do país é o
Brasil e pacotes estão esgotados P. 6

*Seis centenas
a consumir
droga nas
ruas do Porto*



Técnicos de saúde alertam para o
agravar do problema. Viela do Anjo
volta a ser uma "sala de chuto" P. 18 e 19

**Já deixou de ser
exceção ganhar
mais do que o
primeiro-ministro**

Saiba quanto se recebe
no Estado, nos reguladores
e nas empresas públicas P. 4 e 5



**Sporting
Violência leva
ao corte de
relações com
as claques**

Cancelados protocolos
do Directivo XXI
e da Juve Leo P. 44

**Taça Boavista
e Marítimo
eliminados
por Chaves
e Beira-Mar**

Famalicão apanha
susto mas safa-se
nos penáltis P. 40 a 43



**VENHA CONHECER O
NOVO ESPAÇO JN**

Praça da República, n.º 65, Porto | Tel.: 222 096 245 | baicao@globalmediagroup.pt

ESPAÇO



PUBLICIDADE



O FMI antecipa uma forte aceleração da economia brasileira nos próximos anos
FOTO ADRIANO MACHADO/REUTERS



Só Angola e Brasil aceleram entre os principais parceiros

Maiores clientes das exportações portuguesas vão abrandar, diz o FMI

O abrandamento da economia mundial está a acentuar-se — Europa incluída — e os principais mercados das exportações portuguesas, sejam bens ou turismo, não escapam a este cenário, lançando sombras sobre o desempenho da economia nacional nos próximos anos. Um desempenho que o Fundo Monetário Internacional antecipa que vai perder fôlego nos próximos anos.

Os cálculos do Expresso, com base nas previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgadas esta semana com a publicação do *World Economic Outlook*, não deixam margem para dúvidas. Quando se compara os números do crescimento nos últimos cinco anos (entre 2015 e 2019) e os projetados para os próximos cinco (2020 a 2024), a desaceleração é a nota comum a oito dos dez maiores clientes das exportações portuguesas de bens (ver tabelas em baixo). As exceções são Angola e Brasil, que, depois do fraco desempenho no último quinquénio (taxa média de crescimento anual negativa em ambos os casos), devem acelerar nos próximos anos.

No turismo o cenário é semelhante. Entre os dez países com maior peso nas dormidas em Portugal, nove devem perder fôlego em termos de crescimento económico nos próximos cinco anos. Uma evolução que, caso se confirme, pode significar problemas para um sector que tem sido um dos grandes pilares da recuperação da economia portuguesa desde a crise, bem como do aumento do emprego.

A exceção, mais uma vez, é o Brasil. A economia brasileira tem sido penalizada pelo abrandamento chinês, com menor procura de *commodities*, mas “é das que tem maior capacidade de arrancar”, considera José Maria Brandão de

Brito, economista chefe do Millennium bcp, salientando que a política económica que está a ser seguida pelo Presidente Bolsonaro é “virtuosa”.

O peso de Espanha

Espanha é incontornável nesta análise. Afinal, o país vizinho vale mais de um quarto das exportações portuguesas de bens e é o terceiro mais importante para o turismo, representando 10,3% das dormidas de estrangeiros (dados relativos a 2018, em ambos os casos).

Com uma taxa média de crescimento anual de 2,9% entre 2015 e 2019, o desempenho da economia espanhola destacou-se pela positiva entre os países da zona euro. E “foi uma das razões que explica o crescimento português acima da média da zona euro nos últimos anos”, frisa José Maria Brandão de Brito. O problema é que “Espanha está a abrandar muito”, continua. Aliás, tendo em conta as projeções do FMI, quando se compararam os últimos cinco anos com os próximos cinco, o país vizinho é um dos que mais perde fôlego no espaço do euro,

passando de uma taxa de crescimento média anual de 2,9% entre 2015 e 2019 para apenas 1,7% entre 2020 e 2024.

“Caso se confirme este abrandamento espanhol, isso pode justificar a desaceleração prevista pelo FMI para Portugal, não beneficiando da dinâmica de recuperação antecipada para o conjunto da zona euro”, alerta José Maria Brandão de Brito. Os cálculos do Expresso a partir das previsões do Fundo indicam que o ritmo de expansão da economia nacional vai baixar dos 2,3% ao ano, em média, no último quinquénio, para 1,5% no próximo.

Vendas perdem gás

O abrandamento internacional, e europeu em particular, já se faz sentir sobre as vendas portuguesas ao exterior. Entre janeiro e agosto deste ano (últimos dados disponíveis) as exportações de bens cresceram 2,1% em termos homólogos (valores nominais), quando no mesmo período do ano passado estavam a subir 7%.

Espanha é precisamente um dos mercados onde as vendas

portuguesas de bens têm vindo a desludir este ano, com uma queda de 0,3% entre janeiro e agosto em termos homólogos. Também no vermelho estão países como o Reino Unido, os EUA, Angola e Brasil. Em sentido inverso, entre os principais clientes das exportações portuguesas, a Itália lidera o crescimento este ano (mais 16%), apesar de a economia do país estar à beira da recessão. Também a Alemanha, que, tal como os italianos, está à beira da recessão, se destaca pela positiva, com um incremento de 5%, impulsionado pela produção automóvel na Autoeuropa.

Quanto ao turismo, as dormidas do estrangeiro aumentaram 2,9% nos primeiros nove meses do ano, um ritmo superior ao incremento de 1,9% registado no mesmo período de 2018. Entre os principais mercados emissores destacam-se, pela positiva, os EUA, Brasil, Irlanda e Espanha. Em sentido inverso, Alemanha, França, Holanda e Bélgica registam uma evolução negativa.

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@expresso.imprensa.pt

... E TAMBÉM ENTRE OS MAIORES EMISSORES DE TURISTAS

Taxa média anual de crescimento entre 2015/2019 e 2020/2024, em percentagem

ABRANDAMENTO É A REGRA ENTRE OS PRINCIPAIS MERCADOS DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUEAS...

Taxa média anual de crescimento entre 2015/2019 e 2020/2024, em percentagem

	Peso nas exportações	Crescimento médio 2015/2019	Crescimento médio 2020/2024
Espanha	25,4	2,9	1,7
França	12,7	1,5	1,4
Alemanha	11,5	1,7	1,3
Reino Unido	6,3	1,7	1,5
EUA	5,0	2,4	1,7
Itália	4,3	0,9	0,6
Holanda	3,8	2,3	1,5
Angola	2,6	-0,7	3
Bélgica	2,3	1,5	1,3
Brasil	1,4	-0,8	2,3

Crescimento médio entre 2020/2024 segundo as projeções do Fundo Monetário Internacional. Peso nas exportações portuguesas de bens e nas dormidas de estrangeiros em Portugal em 2018
FONTE: FMI, INE, TURISMO DE PORTUGAL E CÁLCULOS EXPRESSO

	Peso nas dormidas	Crescimento médio 2015/2019	Crescimento médio 2020/2024
Reino Unido	19,6	1,7	1,5
Alemanha	13,3	1,7	1,3
Espanha	10,3	2,9	1,7
França	9,8	1,5	1,4
Brasil	5,5	-0,8	2,3
Holanda	5,3	2,3	1,5
EUA	4,7	2,4	1,7
Irlanda	3,5	9,9	3,0
Itália	3,4	0,9	0,6
Bélgica	2,2	1,5	1,3

Exportações portuguesas já estão a travar

Ao 'Brexit' e às tarifas de Trump juntam-se razões históricas e até as manifestações que têm agitado Hong Kong

Na indústria da ourivesaria, as primeiras sombras começaram a fazer sentir-se no brilho das exportações em setembro. Num sector que está a dar os primeiros passos no exterior e viu as vendas lá fora quintuplicarem para €100 milhões na última década, as previsões para este ano são cautelosas. “Estamos a sentir nervosismo, abrandamento nas encomendas”, comenta Nuno Marinho, o novo presidente da AORP — Associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal, sem esquecer o ‘Brexit’ nem a guerra comercial de Donald Trump, mas especialmente preocupado com “efeitos surpresa”, como o que abalou os empresários na última grande feira internacional de Hong Kong.

“É uma plataforma importante para vendermos no mundo, mas em setembro as visitas na feira foram reduzidas devido às manifestações diárias nas ruas”, diz o dirigente associativo referindo-se ao movimento de protesto no território.

E sector a sector há indicadores de alerta. As exportações ainda crescem, mas o ritmo está a abrandar, como mostram os números do INE — Instituto Nacional de Estatística: nos primeiros seis meses do ano o salto foi de 2,9%, abaixo dos 3,7% do último semestre de 2018.

Em agosto o quadro manteve-se, apesar de o mês de julho ter prometido um cenário algo melhor, como aconteceu nos têxteis, que até tiveram o seu melhor mês desde 2002, mas continuaram a cair e fecharam o terceiro trimestre com -1,1%, nos €3,6 mil milhões. Depois de recordes sucessivos, a fileira ressurte-se do arrefecimento em mercados importantes como Espanha e Alemanha, da incerteza à volta da guerra comercial EUA/China e do ‘Brexit’. “Este é um ano atípico e temos de esperar pelos números de setembro, divulgados em novembro, para tentar perceber o que irá acontecer”, diz Paulo Vaz, diretor-geral da ATP — Associação Têxtil e Vestuário de Portugal.

Outro sector habituado a bater recordes, mas agora em queda, é o calçado (-7% até agosto). “O que é preocupante é perceber que o mercado não é tão grande como um dia ambicionámos”, admite Luís Onofre, presidente da associação industrial APICAPS, atento às mudanças num mercado cada vez mais digital, num clima cada vez mais instável, num quadro internacional marcado pela incerteza.

Na metalurgia, principal motor das exportações lusas, a tendência de crescimento abrandou. Depois de subidas de 13% em 2017 e de 11% em 2018, este ano deverá fechar nos €19,3 mil milhões (+8%). É um recorde, mas também é uma preocupação. “Há sinais claros de arrefecimento no mercado alemão. As encomendas estão a diminuir”, comenta Rafael Campos Pereira, vice-presidente da AIMMAP, a associação do sector.

“Os fabricantes de tecnologia de produção alemães são os primeiros a notar a inversão dos ciclos de crescimento”, diz, confessando apreensão por tudo isto coincidir com a guer-

ra comercial EUA/China e a entrada em vigor, esta semana, das novas tarifas da administração Trump à importação de produtos europeus, o que terá impacto indireto em Portugal, uma vez que o país fornece componentes para muitas das marcas abrangidas, designadamente no sector automóvel e aeronáutico. Mais: “A história mostra que a economia mundial não tem ciclos de crescimento maiores de 10 anos, e já lá estamos”, acrescenta.

Quanto ao ‘Brexit’, “o essencial era um acordo entre a UE e o Reino Unido, e aí parece começar a ver-se alguma luz ao fundo do túnel”, afirma, numa opinião partilhada por outros sectores, como é o caso dos componentes automóveis, também a travar na frente exportadora, apesar de mais um recorde garantido: até agosto as exportações cresceram 2,4% (€5,5 mil milhões), quando um ano antes chegaram aos 7%.

O agroalimentar, que nos anos da crise conseguiu taxas médias de crescimento anual acima dos 6%, continua em alta, mas fica agora nos 3%, assumindo poder vir a ser um dos sectores mais penalizados pelas novas tarifas da administração Trump, em especial nos laticínios. Já nos vinhos, a inversão de ciclo é clara, e depois de um salto de 3,4% nas exportações em 2018, este ano há uma quebra de 0,5%.

MARGARIDA CARDOSO
mmcardoso@expresso.imprensa.pt

NA ROTA INTERNACIONAL

2,9%

foi quanto aumentaram as exportações portuguesas no primeiro semestre; em 2018, o crescimento foi de 3,7%

19,3

mil milhões de euros é o valor projetado da metalurgia e metalomecânica para o final do ano; o aumento nas vendas ao exterior será de 8%, abaixo dos 11% de 2018 e dos 13% de 2017

5,5

mil milhões de euros foi o valor das exportações de componentes automóveis até agosto, o que representa um crescimento homólogo de 2,4%; em 2018, a subida foi de 7%

5,8%

é o crescimento médio anual do sector agroalimentar nos últimos três anos; no primeiro semestre ficou nos 2,7%

ifthenpay
Referências Multibanco
para a sua empresa
www.ifthenpay.com

A
THE ADECCO GROUP

OPINIÃO

Estrela de Centeno perdeu brilho

LUÍS MARQUES E8

Empresas globais têm de ser taxadas

JOSEPH STIGLITZ E39



Prémio Nobel da Economia de 2019
RICARDO REIS E SANDRA MAXIMIANO E5 E 14

PESSOAS

➔ **Simão Soares** é o novo presidente da Associação Portuguesa de Bioindústria E36

➔ **Dicas** Guia para atrair recrutadores na Web Summit E36



AQUI VOCÊ É
O CONVIDADO
DE HONRA

TRIBUNA

SIGA-NOS NO FACEBOOK

facebook.com/tribunaexpresso

ECONOMIA

IMOBILIÁRIO
& EMPREGO

Expresso

2451
19 de outubro de 2019
www.expresso.pt

Construtoras espanholas dominam obras públicas da ferrovia

➔ Nos principais concursos da Infraestruturas de Portugal a **quota espanhola é de 70%** ➔ Armada espanhola **ganha terreno** nas estradas ➔ Hospitais e metros podem ditar uma nova relação de forças ➔ António Mota acusa mercado espanhol de protecionismo E13



A Malo Clinic sobreviverá sem o seu fundador?

Alavancada em crédito e capital do GES, a empresa acumula prejuízos desde 2015

Paulo Maló, que perdeu a Malo Clinic para o fundo Atena, garante que o Novo Banco tinha uma proposta de recuperação que evitava o processo de revitalização e o perdão da dívida. E12

Como a Super Bock manipulou o preço das cervejas E22

Está a nascer uma nova 'Quinta do Lago' no Algarve E24

CONHEÇA O SUPERMERCADO DO FUTURO

Os super e hipermercados em Portugal estão cada vez mais tecnológicos, têm sistemas automáticos de pagamento e maior utilização de inteligência artificial E20



ILUSTRAÇÃO: HELDER OLIVEIRA

Brasil e Angola são os únicos mercados que não abrandam

Maioria dos clientes das exportações nacionais perde fôlego. Vendas ao exterior já estão a travar

A economia portuguesa é uma das 'doentes' do euro. Em década e meia, o PIB vai crescer apenas 12,3%, caso se confirmem as previsões do FMI, sendo um dos mais lentos da moeda única. Este abrandamento dos maiores clientes esmora o cenário e há indicadores de alerta nas exportações em vários sectores. E10



Manuela Ferreira Leite

ELIMINAR OBSTÁCULOS

A corrupção caracteriza-se por uma atitude de oferta de alguma coisa para obter uma vantagem indevida associada a uma ausência de princípios éticos que devem nortear a vida. Daí que seja condenável, qualquer que seja a sua dimensão.

A pequena corrupção tem-se alastrado e, neste caso, importaria muito mais ponderar nas suas causas do que alardear meios e resultados ao seu combate.

A pequena corrupção nasce e sobrevive em consequência de pesada burocracia, de estruturas administrativas ineficientes, de baixos salários e de reduzidos níveis de literacia.

Talvez os recursos gastos nas investigações da Polícia Judiciária aplicados em desburocratização fossem mais eficazes

Recentes notícias sobre este grave problema são elucidativas. Percebe-se que prolifera essencialmente na obtenção de documentos lícitos e obrigatórios, tais como os necessários à legalização de emigrantes, na obtenção de números da Segurança Social ou atestados de residência, elementos essenciais para um contrato de trabalho. Só quem desconhece o martírio para a obtenção destes documentos ficará admirado que no seu desespero haja sempre quem pague o que se lhes pede, mesmo o que não têm, a um advogado sem escrúpulos que rapidamente lhes trata do assunto com a cumplicidade de outros funcionários.

Talvez os recursos gastos nas investigações da Polícia Judiciária aplicados em desburocratização e em mais funcionários fossem mais eficazes se destinados a eliminar obstáculos inoperacionais que desmoralizam os cidadãos e incentivam a procura de soluções alternativas.



mundo 1|2|3 negócios

Um menu recheado de soluções?
Só no banco cá do bairro.

Informe-se nos nossos balcões
ou em www.santander.pt

Santander
Empresas

O que podemos fazer pelo seu negócio hoje?



Quem tem boca vai a Roma. Ouviste, Alexa?

Victor Ferreira

Assistentes virtuais como Alexa e Google Home vão passar a ajudar-nos a comprar bilhetes de avião, reservar estadias, escolher destinos. Quem tem boca vai a Roma, diz o ditado. E a indústria do turismo aposta na tecnologia para que a voz humana é uma poderosa ferramenta de viagem.

Há novidades e exemplos para todos os gostos. A agência de marketing Simpleview, com sede no Arizona (EUA) e Londres (Reino Unido), por exemplo, vai lançar até ao final deste ano de 2019 uma aplicação que nos permitirá procurar destinos e informação relevante sobre viagens através de dispositivos activados por voz. Em vez de perguntarmos ao agente de viagens, passaremos a falar com assistentes virtuais

como Alexa (Amazon), Google Home ou Cortana (Microsoft).

Falar ao coração

O nascimento destes assistentes, e de aplicações como a Siri (Apple), transformou o uso da voz num dos "temas quentes" do universo tecnológico. Mas até agora a indústria do turismo tem estado mais entretida com outros temas, como reconhece um dos altos responsáveis do grupo Expedia, principal concorrente do Booking e que detém alguns dos sites de viagens mais populares do mundo.

Em síntese: quem prepara uma viagem prefere uma imagem. Uma fotografia ou um vídeo transportam mais informação do que apenas a voz, escreve Arthur Chapin, num texto que publicou no fim de Setembro. Aplica-se outro ditado: uma imagem vale mil palavras. Fala mais

alto ao nosso coração.

Porém, a popularidade mundial dos podcasts já demonstrou como o som e a voz têm lugar na mesa repleta de textos, fotografias e vídeos da World Wide Web. A entrada da voz no mundo das viagens tem sido de mansinho. Ainda assim, isso vai mudar. O futuro, promete a indústria, será a viajar até que a voz nos doa.

A aplicação da Simpleview, cuja versão beta será lançada nas próximas semanas, promete dar mais palco à voz. Richard Veal, responsável pelo braço europeu da Simpleview, frisou esta semana que os assistentes de voz "ainda não trabalham para o turismo e muitas vezes são incapazes de responder a perguntas sobre viagens".

"Há anos que temos estado a fazer interfaces gráficos e visuais, mas fazer isto com voz é totalmente diferente. O desafio é perceber como é que vamos navegar pela informação atra-

A entrada da voz no mundo das viagens tem sido de mansinho. Mas isso vai mudar. O futuro, promete a indústria, será a viajar até que a voz nos doa

vés do som, da voz, de uma conversa, como desenterrar e apresentar o que é relevante", destaca, em declarações desta semana ao site *PhocusWire*.

Esta agência está a reunir informação sobre destinos numa base de dados que, aliás, já está a alimentar cerca de 120 entidades e empresas de gestão turística no Reino Unido. Não vale a pena despedir já todos os funcionários nem desligar todos os bots, porque o caminho está praticamente no início, diz Richard Veal. "Há muitas formas de dizer: 'O que se passa em Liverpool este fim-de-semana?' e a inteligência artificial tem de ter a certeza sobre qual o sentido e quem fala."

Siri, apaga a luz

Mais adiantadas estão outras aplicações de voz neste mundo das viagens. Há hotéis, por exemplo, que usam colunas inteligentes nos quartos para ajudar hóspedes a controlar a estadia ou responder a perguntas dos clientes. Instruções simples como fechar ou abrir cortinas, controlar a luminosidade ou a temperatura estão hoje a ser executadas a partir do processamento de voz.

Seja para descobrir a hora do nosso voo, encontrar a nossa bagagem, verificar a meteorologia, reservar estacionamento ou até abrir a porta do nosso quarto de hotel, a própria Siri, da Apple, tem a capacidade de se transformar num apoio ao viajante. A questão é que a Siri é, nestas situações, uma intermediária entre o utilizador e uma aplicação de uma empresa terceira.

Menos frequente é o caso do operador turístico que incorpora directamente a tecnologia de voz nos seus sistemas. A transportadora easyJet quer dar um exemplo e em breve vai introduzir uma funcionalidade desenvolvida pela Travelport para permitir pesquisas por voz. Anunciada em Setembro, está prestes a estrearse, com tecnologia Google Cloud.

Tipicamente, diz a empresa, escolher e comprar um voo requer 12 cliques na app. Com a nova funcionalidade, a pesquisa tornar-se-á mais simples e mais inclusiva, sobretudo para quem tenha problemas de visão. Mas a compra continuará a ter de ser feita de forma manual, por agora.

O lançamento será apenas em inglês, nas próximas semanas, e só para ambiente iOS. A easyJet promete adicionar o Android e mais idiomas no início de 2020.

ID: 83068868

20-10-2019 14:04



Festival da Comida Esquecida

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=1e575db1-0f0b-47ed-9997-474fd36c113e&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

O festival de comidas esquecidas conseguiu arrastar até ao interior de Silves, mesmo à chuva, cerca de 70 pessoas para um piquenique de charme. Foi a 1ª de um conjunto de iniciativas que tem como objetivo resgatar e partilhar os pratos ingredientes da cozinha tradicional algarvia.

Comentários de



Uma festa para celebrar as comidas que quase já esquecemos

Piqueniques de charme, jantares que se propõem aproximar a floresta do prato, visitas a hortas para cozinhar com os ingredientes que nelas nascem – o Festival da Comida Esquecida, que começa este sábado no Algarve, quer contrariar o desaparecimento dos produtos e sabores tradicionais. *Alexandra Prado Coelho (texto) e Pedro Fazeres (fotos)*



● É só uma bifurcação no meio de uma estrada perdida na serra algarvia, mas a quantidade de placas impressiona: Barrigões, Barranco da Cabaça, Fornalha e Vale Maria Dias ficam em frente; Califórnia e Sarnadinha para o lado esquerdo. “Muitas destas aldeias da serra estão já abandonadas ou só têm dois ou três habitantes”, comenta João Ministro, com desalento.

Vimos até aqui para almoçar. Quando chegamos, o restaurante A Medronheira, na Portela do Barranco, já tem uma mesa pronta à nossa espera. Somos os únicos clientes, mas

a especialidade da casa – javali guisado com batatas, cenouras e feijão verde – já tinha sido encomendada e chega assim que terminamos o queijo fresco com mel e o presunto, tudo produtos locais.

Na outra mesa senta-se a família proprietária do local, com uma criança mais pequena e outras duas, uma rapariga e um rapaz, que chegaram da escola, deixaram as mochilas de lado e preparam-se para almoçar antes de se dedicarem aos trabalhos de casa. É pouco habitual por aqui, diz João Ministro, este quadro de uma família onde ainda há crianças peque-

nas. A serra está a ficar deserta e para trás ficam os mais velhos.

“Por mais que se fale em tentar trazer gente para o interior, continua a não haver um verdadeiro interesse nisso, não dá votos”, lamenta. “O problema é que isso não se resolve num mandato ou em dois e não existem políticas que olhem para o território a 20 ou a 30 anos.” Fundamental, na opinião de João Ministro, seria enfrentar duas questões antes de quaisquer outras: o emprego e a habitação.

Mesmo que haja gente a querer mudar-se para o Algarve – e há, acredita o nosso interlocutor –, a enorme

especulação imobiliária a que se assiste no território é um obstáculo quase intransponível. “Há ruínas no interior a atingir preços exorbitantes, sempre à espera que apareça um alemão ou um francês interessado em comprá-las.” Claro que, no ponto em que nos encontramos, “há aldeias que já não têm qualquer hipótese, vão mesmo desaparecer”, mas, com uma estratégia a médio/longo prazo, ainda se vai a tempo de salvar “pequenos pólos que têm alguma dinâmica”. E a comida pode ajudar nisso.

João Ministro pertence à QRER, a associação por trás do Festival da

Comida Esquecida (integrado no programa cultural 365 Algarve) – que arranca hoje com um piquenique a lembrar os que se faziam antigamente. Alexandra Santos e Ana Palma, também da organização, almoçam connosco. Vimos para descobrir o que é essa comida esquecida para a qual o festival quer chamar a atenção, iremos conhecer alguns produtores locais, e parámos aqui para almoçar porque, segundo João Ministro, este é o último local onde se pode comer antes de se entrar mais para o interior da serra.

Alexandra tem andado numa roda-



Cidália tem horta e cria cabras e porcos na aldeia de Barreiros; em baixo, o restaurante A Medronheira



viva a preparar tudo, da comida às roupas que os algarvios usavam nos anos 1930 e 40 quando saíam em grupos para comer nos locais mais bonitos da serra, com música de acordeão para animar a festa. O primeiro destes piqueniques, com uma ementa criada pelo *chef* Abílio Guerreiro, acontece hoje na Azilheira, em São Marcos da Serra, concelho de Silves.

Um dos produtos regionais que os participantes no piquenique vão poder provar é a melosa, a aguardente de medronho com mel e canela feita por Jorge Lima, da Regionalarte. Visitamo-lo ainda de manhã no seu



Há aldeias que já não têm hipótese, vão mesmo desaparecer

espaço, em São Marcos da Serra. Aqui produzem-se licores de muita coisa, de noz, de amora, figo-mel, bolota, poejo, laranja e até um “afrodisíaco”, com gengibre e ginseng.

Mas não há nada mais tradicional do que a poderosa aguardente de medronho. O medronho faz parte da vida da serra algarvia, Jorge Lima conhece-o de toda a vida, mas, só depois de uma passagem pela hotelaria (que “é boa para quem quer viver a vida à pressa”), é que se dedicou inteiramente à produção de licores.

E o medronho, no meio de tudo isto, é dos mais complexos. “Só as

pessoas com uma certa idade têm paciência para ir à árvore várias vezes durante um mês ou dois para colherem os medronhos quando eles estão no ponto”, explica. Depois disso há ainda o processo de fermentação, de destilação, e “até o beber, que era a parte mais fácil, tem problemas”. Isto porque “há muita gente a fazer aguardente ilegal”, com “milhares de litros vendidos a granel”. Para quem quer trabalhar dentro da lei, isto torna-se um problema sério - até porque “a ASAE só fiscaliza os que estão legalizados, os clandestinos não”.

Mas o mais grave, na perspectiva de Jorge Lima, é o imposto cobrado pela taxa de álcool, que na aguardente de medronho é de sete euros por litro, o que, naturalmente, e mais uma vez, pesa apenas em quem está legal. Alexandra Santos, da QRE, intervém: “Este produto não está a ser taxado como actividade tradicional, mas sim como actividade de alto rendimento.”

Jorge não tem dúvidas: “Para mim, não compensa.” Somando o que se paga pelo quilo do medronho (entre 1,50€ e 2€, e tendo em conta que para um litro são necessários 10 qui- →



los, estamos a falar de 15 euros), a todas as outras despesas do processo, e colocando em cima o IVA e a taxa pela percentagem de álcool, a aguardente “é um negócio bom só para o Estado”. A isto soma-se o facto perverso de muita gente preferir comprar a aguardente feita pelos clandestinos, sem rótulo.

Quanto à melosa, enfrenta outros obstáculos. “É um produto que não sai muito por causa do aspecto baço, mas se a formos limpar, vamos tirar a melhor parte”, afirma Jorge. Nos restaurantes de Monchique, por exemplo, consegue-se vender bem porque “dão a provar e as pessoas gostam”. É isso que, esperam, vai acontecer nos piqueniques do festival da Comida Esquecida. Quando deixamos a Regionalarte, despedindo-nos de Jorge, reparamos, no meio das muitas garrafas de diferentes licores, num Mel Amargo. É, explica-nos o nosso anfitrião, feito da flor de medronheiro e tira-se em Março, altura em que só há essa flor na serra.

E a chuva que não cai

Saímos a correr de São Marcos da Serra porque temos encontro marcado com a dona Cidália, que nos espera na horta dela, na aldeia de Barreiros. Daqui, vão sair para o piquenique batatas, marmelos, romãs e as azeitonas maçanilhas, que, gordas, pesam nos ramos das oliveiras. “Pisa-se, muda-se a água até ficarem doces, faz-se uma conserva.” Cidália, de t-shirt verde e sorriso aberto, vai descrevendo o processo. “Mas este ano não chove, e, apesar de serem regadas, estão mais secas.”

A falta de água aparece em todas as conversas. Quando íamos a chegar à horta de Cidália, Alexandra parara o carro para nos mostrar o que, da primeira vez que aqui estivera, era um espelho de água. Agora é um desolado conjunto de pedras negras, completamente secas.

Enquanto passeamos pelo terreno de Cidália, ouvindo-a dizer como é delicioso o feijão eiró, que uma vizinha lhe deu, que ela está a cultivar e que fica perfeito a acompanhar a carne de porco conservada em banha, caem uns muito discretos pingos de água. Animamo-nos todos a pensar que será a chuva que aí vem, mas é de pouca dura, e rapidamente o sol volta a brilhar.



Cidália mostra-nos as couves, que estão pujantes, destacando-se na horta que, nesta altura do ano, pouco mais tem - exceptuando, claro, o feijão, e o milho, este híbrido, porque já são poucas as pessoas que cultivam as variedades tradicionais. “Uns

estão velhotes e não podem, outros dizem que dá trabalho. Antes, toda a nossa gente tinha milho, davam as folhas às vacas e o milho aos porcos.” Hoje, o milho que é comprado “passa por um secador” e “as galinhas já não o comem”, garante. “Mas aqui o

nosso é uma guloseira”, conclui, com orgulho.

A Cidália, a horta não cansa. Gosta disto e fala como se nada desse trabalho. Mas o que mais a encanta neste momento são os cabritinhos recém-nascidos. Leva-nos a ver os animais.

O Festival da Comida Esquecida quer celebrar os sabores do Algarve, as formas de fazer, os saberes que só alguns guardam e que correm o risco de, também eles, um dia serem esquecidos



Na página ao lado, Miguel Silva e a sua exploração de gado na Quinta do Freixo; em baixo, a produção de licores da Regionalarte



Os porcos escondem-se ao fundo do curral, acometidos por um súbito ataque de timidez, que não parece afectar as galinhas e muito menos as cabras, distraídas com os filhotes. Sorridente, Cidália pega num deles para a fotografia.

O tempo volta a apertar. Temos mais um encontro marcado e precisamos de nos despedir. Mas a nossa anfitriã não nos quer deixar ir embora sem provar o pão feito por ela, as azeitonas maçañilhas, já preparadas, um presunto também caseiro e a *pièce de résistance* que é a carne de porco guardada em banha - a tal que fica deliciosa com o feijão eiró, mas esse prato, o preferido de Cidália, terá que ficar para uma próxima visita.

Comer para fazer renascer

A paragem seguinte, e a última deste rápido périplo por alguns dos produtores que vão contribuir com ingredientes para o piquenique, leva-nos até à Quinta do Freixo, onde iremos conhecer Miguel Silva, a quarta geração da mesma família à frente desta propriedade em Benafim, concelho de Loulé. São 700 hectares, dos quais 200 de terra arável, e, entre muitas outras coisas, um rebanho com 1200 ovelhas de uma raça autóctone, a campanha, que esteve em vias de

extinção, mas é das mais bem adaptadas às condições difíceis desta região, onde a falta de água e de comida pode tornar a vida impossível a animais menos resistentes. Além disso, sublinha Miguel Silva, a prática do pastoreio extensivo ajuda à manutenção do solo, outro problema que afecta a zona.

Se antigamente a propriedade estava totalmente centrada na agricultura, com produtos típicos da região, do figo à alfarroba, passando pela amêndoa, com a passagem do tempo foi evoluindo, passando a ter também oferta turística, nos dez quartos da Casa d'Alvada, ou em visitas a quem estiver interessado em conhecer melhor o território e o que aqui se produz.

Perceberam também, continua Miguel, que é mais rentável vender produtos transformados, o que os levou a apostar numa linha de compotas e doces de grande qualidade, usando apenas matéria-prima da Quinta do Freixo, toda biológica (os doces não estão certificados como biológicos porque o açúcar utilizado não o é). Vamos conhecer um dos figueirais, do qual, na época, saem os figos para usar nas compotas; outra variedade de figueiras dá os frutos ideais para fazer figos secos.

Trabalhar aqui é também lidar com dificuldades permanentes. Os produ-

tos típicos do Algarve, apesar da sua reconhecida qualidade, enfrentam a concorrência cada vez mais agressiva dos vindos de fora - os figos secos da Turquia, a amêndoa da Califórnia. Quanto à carne de borrego, igualmente biológica, Miguel explica que ela só é biológica até sair da propriedade. O primeiro obstáculo é não existir um matadouro no Algarve, o que obriga a levar os animais para Beja, e, mesmo aí, para que se pudessem certificar a carne como biológica, teriam que ser os primeiros a abater, com o matadouro ainda limpo, para evitar contaminações cruzadas. Mas, apesar das dificuldades, Miguel e a família estão contentes por poderem manter a Quinta do Freixo a funcionar, aberta a visitas e a fazer o tipo de agricultura em que acreditam.

Não são só os produtos já praticamente desaparecidos - as sardinhas garmentas, a cenoura pau roxo ou os catacuzes, que nascem selvagens nos montes - que o Festival da Comida Esquecida quer celebrar. São também os sabores do Algarve, e as formas de fazer, os saberes que só alguns guardam e que correm o risco de, também eles, um dia serem esquecidos. Comer estes produtos, não só hoje, mas sempre que possível, é a melhor forma de os fazer renascer.

● O Festival da Comida Esquecida - que começa este sábado e se prolonga até Maio de 2020, com 11 eventos em nove concelhos do Algarve - quer ser um "palco dos sabores de outrora". A iniciativa é da Cooperativa QRER, dedicada ao Desenvolvimento dos Territórios de Baixa Densidade, e está integrada no programa cultural 365 Algarve.

O arranque faz-se com um piquenique de charme num bonito terreno, cheio de fetos e junto a uma fonte de água, na Azinheira, São Marcos da Serra (Silves). O menu foi preparado pelo chef Abílio Guerreiro e trará até às mantas espalhadas pelo chão os sabores, produtos e receitas tradicionais do Algarve.

Tudo ao som do acordeão, e com bailarinos de folclore a dançar o corridinho, como nos muito populares piqueniques que aconteciam na serra algarvia nos anos 1930 e 40 - aliás, os participantes nestas recriações são convidados a vestir-se como nesses tempos (quem não tiver roupas da época poderá usar as que a organização coloca à disposição).

Os próximos piqueniques acontecem a 28 de Março de 2020 em Penina, Benafim (Loulé), a 18 de Abril em Santo Estêvão (Tavira) e a 2 de Maio em Cacela Velha (Vila Real de Santo António).

Outra iniciativa do festival são os jantares Momentum - Da Floresta ao Prato, resultado da colaboração entre três faculdades - o Mestrado em Inovação em Artes Culinárias da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, o curso de Design da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e a Escola Superior de

Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, que será responsável pela "narrativa sensorial", que incluirá cheiros, sons e imagens - tudo sob a coordenação de Ricardo Bonacho, Maria José Pires e do chef André Gerardo.

O menu, explica o programa, "é inspirado e alinhado com os princípios da recuperação da biodiversidade e o fortalecimento dos ecossistemas", reflectindo "os ciclos de produção e o respeito pelas identidades dos territórios onde trabalhamos, a proximidade dos produtos à origem e o modo como são tratados nas cozinhas".

As datas dos jantares são 8 de Novembro no Convento do Carmo (Lagoa), 9 de Novembro no Museu do Traje (São Brás de Alportel) e 10 de Novembro na Ermida da Guadalupe (Vila do Bispo).

O terceiro evento do festival chama-se Colher e Cozinhar e tem lugar em hortas familiares "com recolha de ingredientes tradicionais, alguns pouco conhecidos do público". Haverá um passeio interpretativo e depois será confeccionado um prato tradicional da cozinha algarvia. Acontecem a 30 de Novembro em Giões (Alcoutim), 8 de Dezembro em Tôr (Loulé) e 23 de Fevereiro de 2020 em Maria Vinagre (Aljezur).

O festival encerra, em Maio de 2020 em Querença (Loulé), com o evento Na Casa da D. Glória, "uma festa da comida das famílias algarvias, com todos os envolvidos na iniciativa" e para o qual se promete "muita animação, fanfarra, acordeão, corridinho e danças do mundo".

Toda a informação em www.comidaesquecida.com





F

FUGAS | Público, N.º 10.771 | Sábado 19 Outubro 2019

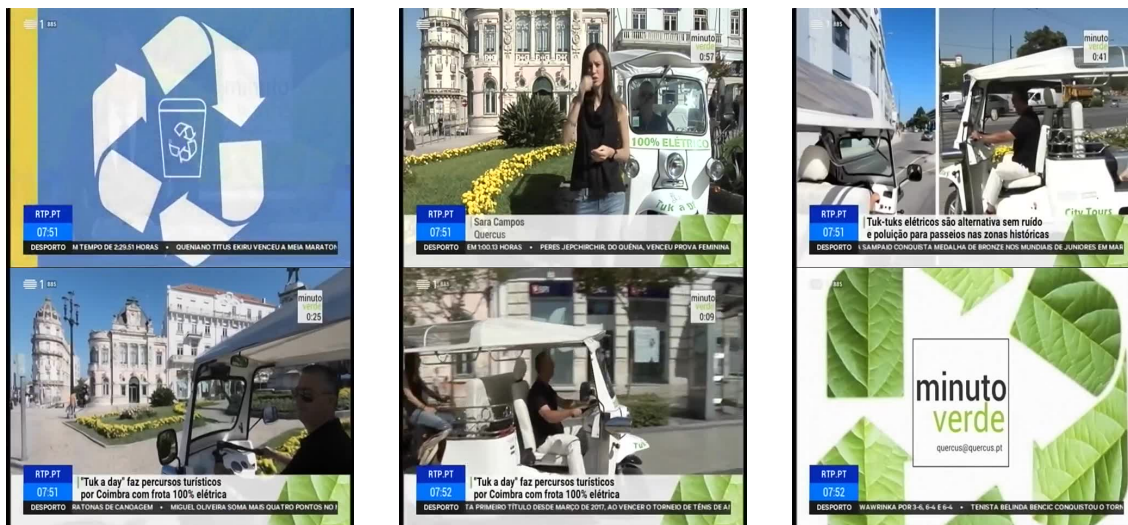
França Quantos castelos cabem no Vale do Loire?

Algarve

Um festival para nos
lembrar de comida que não
devemos esquecer

Lisboa

Abrem-se os jardins para lá
descobriremos histórias escondidas



"Minuto Verde"

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=8a28fab2-9adc-4dbb-9904-b839504ed741&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

"Minuto Verde" com Sara Campos, da Quercus. Os Tuc-Tuc são uma opção escolhida por cada vez mais turistas para visitar as zonas históricas das cidades portuguesas. A sua presença nem sempre é vista com bons olhos pelos moradores locais, principalmente, porque os modelos convencionais com motores de combustão, trazem várias dores de cabeça.

Repetições: RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2019-10-21 08:56

RTP 1 - Bom Dia Portugal , 2019-10-21 09:50

RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2019-10-21 07:51

RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2019-10-21 08:57

RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2019-10-21 09:50



EDITORIAL RODRIGO CORDOEIRO

Gente que não sabe do que fala

No programa humorístico “Gente que não sabe estar”, da TVI, a deputada do Bloco de Esquerda Mariana Mortágua, em entrevista ao anfitrião Ricardo Araújo Pereira, sugeriu subir o IVA de 6% para 23%, pois seria aplicada a taxa mínima como se de um bem essencial se tratasse.

Foi um momento de *non sense*, visto que desde 2012 é aplicada ao golfe a taxa máxima lutando o sector pela reversão para 6%, à semelhança do que é praticado na hotelaria.

Sucedem que o golfe em Portugal é um produto exportador. Os turistas estrangeiros perfazem 86% dos dois milhões de voltas realizadas anualmente no país, são mais de 400 mil a visitar-nos para praticar a sua modalidade desportiva preferida. O golfe é mesmo o produto turístico de Portugal com maior notoriedade internacional, com €140 milhões de receitas directas.

É também um produto-âncora no combate à sazonalidade no Algarve, onde se concentra a maioria dos campos de golfe nacionais. Um estudo realizado pela Associação de Turismo do Algarve diz que o golfe, em 2017, foi responsável pela obtenção de gastos turísticos na ordem dos €370 milhões e gerou uma riqueza de €500 milhões, além de contribuir para a geração de 16.800 postos de trabalho.

Ora, como escreveu o presidente da Federação Portuguesa de Golfe, Miguel Franco de Sousa, em comunicado, “o IVA do golfe a 23% é um factor altamente penalizador para os operadores do golfe que têm no sector do turismo o seu principal cliente”.

O CNIG (Conselho Nacional da Indústria do Golfe) considera que “desvalorizar a importância e o impacto que a indústria do golfe tem na nossa sociedade é negligenciar uma das poucas indústrias onde somos competitivos a nível mundial, e é persistir num erro histórico incompreensível e injustificável.”

Pena é que o próprio Turismo de Portugal esteja a desinvestir na promoção do golfe além-fronteiras, como se constata pela nova redução do *prize-money* do Portugal Masters para €1,5 milhões. Era de €3 milhões na primeira edição...



CRÓNICA POR HUGO RIBEIRO

Prémios em queda não travam estrelas

O Portugal Masters nasceu em 2007 com três milhões de euros em prémios monetários.

Não foi o mais elevado *prize-money* de sempre na história do golfe português porque em 2005, também em Vilamoura, a Algarve World Cup in Portugal, então integrada nos World Golf Championships, distribuiu quatro milhões de dólares.

A intenção do Governo português da altura, grande entusiasta da aposta no golfe como produto turístico de excelência para Portugal, era de elevar os prémios nos anos futuros até aos quatro milhões de euros. Acreditava-se que o golfe iria evoluir para um circuito mundial e que os circuitos regionais perderiam relevância. Era importante que Portugal se preparasse para fazer parte dessa primeira divisão do golfe

Comentador de golfe e ténis no Eurosport

profissional mundial e isso só seria conseguido com um prémio suficientemente aliciante para alguns dos melhores jogadores do circuito norte-americano, onde, há 13 anos, já a esmagadora maioria dos torneios regulares superava os cinco milhões de dólares. Em 2019 o prémio mais baixo no PGA Tour foi de três milhões de dólares e a média supera bem os seis milhões. A ideia de um circuito mundial persiste, mas foi travada pela crise económica internacional de 2008 e irá levar ainda muitos anos até concretizar-se. Pelo contrário, o PGA Tour (Estados Unidos) e o European Tour (Europa) foram-se separando cada vez mais e rivalizando em determinados momentos.

Portugal também tem passado pela crise séria que todos sabemos e a estratégia passou então por consolidar o Portugal Masters no seio do European Tour. Isso foi conseguido até 2009 — o ano em que mais e melhores estrelas visitaram o mais importante torneio de golfe português — ou 2010. Em 2011 o Portugal Masters

sofreu um corte nos prémios de meio milhão de euros para 2,5 milhões, em 2012 reduziu-se para 2,241 milhões e fixou-se em 2013 nos dois milhões.

Em 2019 a prova de Vilamoura registou nova quebra de meio milhão e estarão em jogo este ano 1,5 milhões, um valor que em tempos foi o do Open de Portugal.

Há 47 torneios do European Tour em 2019, dos quais 31 com melhor “prize-money”, oito iguais ou semelhantes e oito com prémios mais baixos, incluindo o GolfSixes em Cascais, com um milhão de euros. É evidente que não poderemos esperar que um torneio de 1,5 milhões tenha a mesma força dos tempos em que oferecia três milhões, mas a verdade é que, apesar do menor investimento do Turismo de Portugal, o European Tour apresentou este ano uma muito boa lista de inscritos.

Outro aspeto positivo é que na Corrida para o Dubai deste ano o número de pontos dos torneios de 1,5 milhões é igual ao dos torneios de dois milhões.



Algarve eleito melhor destino de golfe do Mundo

Escolha feita pela
indústria internacional
do turismo

DISTINÇÃO A Associação Internacional de Operadores de Turismo de Golfe (IAGTO) escolheu o Algarve como "melhor destino de golfe do mundo para 2020", distinção que o presidente do Turismo do Algarve atribuiu à qualidade dos 40 campos da região.

"O Algarve e não só um local de passagem obrigatória para o golfista amador, como tem atraído os melhores profissionais mundiais, fruto da diversidade e reconhecida qualidade dos 40 campos de golfe e da já celebre hospitalidade e profissionalismo dos agentes da região", congratulou-se João Fernandes.

A ATA esclareceu que a escolha do Algarve como melhor destino de golfe para 2020 foi feita pela IAGTO, "que representa a indústria do turismo de golfe a nível global, numa "votação que contou com a participação de mais de 700 operadores turísticos, especializados nesta indústria e oriundos de mais de 60 países".

"O Algarve destacou-se como favorito no que toca à oferta da melhor experiência para os turistas que praticam esta modalidade, vencendo uma série de outros destinos de golfe de classe mundial", acrescentou a ATA, sublinhando que esta é "a terceira vez que o Algarve é distinguido pela IAGTO", depois de a região ter conquistado o título de melhor destino de golfe da Europa em 2006 e 2014. ●



Algarve tem 40 campos



Atividade turística em agosto

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=7b6a2b12-1c35-401f-80a6-7fa840ecd2ac&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

Portugal mantém-se na moda da procura turística, mas há destinos que assumem um particular destaque. O Porto e o Norte de Portugal foi quem mais cresceu no número de dormidas em agosto. Comparativamente com o mesmo período do ano passado, o aumento foi de 6,8%, Se olharmos para os primeiros oito meses do ano, o crescimento é ainda maior.

Repetições: TVI 24 - Jornal da Uma , 2019-10-20 13:34

TVI 24 - Notícias , 2019-10-20 15:25

TVI - Diário da Manhã , 2019-10-21 09:51

TVI 24 - Notícias , 2019-10-21 00:42

TVI 24 - Diário da Manhã , 2019-10-21 09:51



Turismo no Alentejo dispara em 2019

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=6fc055f5-9f87-469e-8876-e672cdd8c46c&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

Os portugueses podem até queixar-se do frio, mas para todos os povos europeus, Portugal apresenta um clima imbatível e essa é uma das componentes do turismo, que se tem assumido como um importante motor para a economia portuguesa e está a atingir todas as regiões. No Alentejo, este ano está a ser histórico.

Comentários de António Ceia da Silva, presidente Região Turismo Alentejo.



Portugueses ajudam a acelerar turismo

Sónia Peres Pinto

sonia.pinto@sol.pt

Depois dos últimos meses de abrandamento, a atividade voltou a acelerar, registando 3,3 milhões de hóspedes e 9,5 milhões de dormidas. Os proveitos totais atingiram os 630 milhões.

O alojamento local e as dormidas dos portugueses voltaram a dar um novo fôlego ao setor do alojamento turístico. Depois dos últimos meses de abrandamento, em agosto a atividade voltou a acelerar, registando 3,3 milhões de hóspedes e 9,5 milhões de dormidas. Estes números representam aumentos de 6,6% e 2,6%, respetivamente, revelaram os dados avançados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Este crescimento foi influenciado, em grande parte, pelas dormidas de residentes, que registaram um crescimento de 3,2%, enquanto as de não residentes aumentaram 2,3%. Também os hotéis, apesar de terem a maior quota no mercado turístico, apresentaram uma taxa de variação mais baixa em relação ao alojamento local e ao turismo em espaço rural e de habitação. Assim, enquanto no caso dos hotéis se verificou um aumento de 2,2% nas dormidas, no alojamento local o crescimento foi de 14,9%, e no espaço rural e de habitação foi de 6,6%.

Também os proveitos totais aumentaram 6,4%, atingindo os 630,1 milhões de euros. Os proveitos de aposento (502 milhões de euros) aumentaram 6,5%; já o rendimento médio por quarto disponível (RevPAR) situou-se em 84,4 euros, o que representou um aumento de 1,5%.

Há mais americanos, brasileiros e irlandeses

De acordo com os dados do INE, os mercados norte-americano, brasileiro e irlandês destacaram-se neste mês entre os residentes estrangeiros a visitar Portugal, com crescimentos de dormidas de 21,4%, 19,8% e 19,4%, respetivamente.

Desde o início do ano, o organismo aponta também para o au-

mento de 15,5% registado pelo mercado chinês.

Mas os crescimentos não ficaram por aqui. O mercado britânico (18,1% do total das dormidas de não residentes em agosto) registou um aumento de 1,1% em agosto – uma evolução semelhante à verificada nos primeiros oito meses do ano (+1,2%). Já as dormidas de hóspedes espanhóis (17,7% do total) cresceram 4,1% em agosto. No entanto, desde o início do ano, este mercado aumentou 7,4%.

Em contrapartida, o mercado francês (12,2% do total) registou um ligeiro decréscimo em agos-

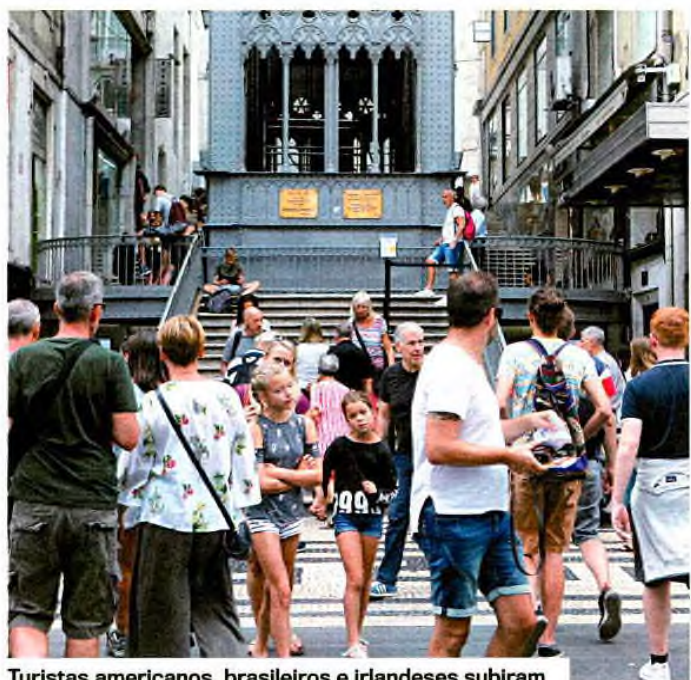
to (-0,3%). No conjunto dos oito primeiros meses do ano, este mercado diminuiu 2,0% (note-se, ainda assim, que, em sentido inverso, os franceses são os estrangeiros que mais compram imóveis em Portugal). O mesmo cenário repetiu-se com as dormidas dos hóspedes alemães (8,8% do total), que mantiveram a tendência de decréscimo, tendo recuado 8,3% em agosto. Desde o início do ano, este mercado diminuiu 6,6%.

Madeira é exceção

Registou-se um crescimento em todas as regiões escolhidas pelos turistas, com exceção da Região Autónoma da Madeira. O organismo destaca a região do Porto, onde se registaram 5,3% das dormidas totais em agosto e 6,2% do total desde o início do ano.

Em relação à hotelaria, o Algarve representou 34,5% das dormidas desde o início do ano, seguido pela Área Metropolitana de Lisboa, com uma quota de 24,5%. Já no alojamento local, desde o início do ano, a AM Lisboa concentrou 37,3% das dormidas, seguindo-se o Norte (quota de 21,0%).

Alojamento local registou um aumento de 14,9% em agosto



Turistas americanos, brasileiros e irlandeses subiram

MAFALDA GOMES



Economia

NOVAS REGRAS PARA ALOJAMENTO LOCAL

Daniela Soares Ferreira

daniela.ferreira@sol.pt

A proposta final do Regulamento Municipal do Alojamento Local de Lisboa vai a votos quinta-feira, mas as medidas propostas não geram consenso.

Era para ser votado esta quinta-feira em reunião camarária, mas não foi. A proposta final do Regulamento Municipal do Alojamento Local em Lisboa vai a votos na próxima quinta-feira, dia 24.

A aprovação do documento prevê grandes mudanças no que diz respeito ao alojamento local na capital uma vez que obriga, entre outras coisas, os alojamentos locais a medir o ruído – com aparelhos que serão instalados pela câmara – e a contratarem um seguro nos casos em que os hóspedes causem danos nas partes comuns do prédio onde se situa o alojamento local. Estas são algumas das principais ideias da proposta final à qual a TSF teve acesso.

Mas não são as únicas: está ainda previsto o alargamento de cinco para 10 anos das autorizações excecionais para as zonas onde ficam proibidos novos alojamentos locais. Mas há casos excecionais como «operações de reabilitação de edifícios em ruínas ou reabilitação integral de edifícios totalmente devolutos há mais de três anos».

O regulamento «tem um bom preâmbulo» e prova que «a câmara está a olhar para a cidade de uma forma mais consentânea, com os fenómenos que têm posto em causa o direito à cidade e o direito à habitação», disse ao SOL Ana Jara, vereadora do PCP da Câmara Municipal de Lisboa. Ainda assim, há falhas que, no seu entender, devem ser resolvidas, com principal destaque para as zonas de contenção.

Uma das questões que mais

preocupa a vereadora é o facto de as zonas como a Baixa, Avenida da Liberdade, Avenida da República e Avenida Almirante Reis serem excluídas da área da contenção, «permitindo que não haja qualquer restrição ao registo de alojamentos locais uma vez que o que é desejável é promover a multifuncionalidade dos territórios e, portanto, também aqui, deve ser promovido o acesso à habitação».

No seu entender, a Câmara Municipal de Lisboa justifica mal esta medida. «Devia preservar-se a habitação e garantir que a cidade não é desunificada», explica Ana Jara.

Recorde-se que desde novembro do ano passado, há zonas na cidade de Lisboa que estão sob o estatuto de zona de contenção absoluta e por isso não podem ser registados novos alojamentos locais. Na proposta que vai ser discutida pelo município de Lisboa, a Colina de Santana pode vir a juntar-se às zonas que já fazem parte da contenção: Bairro Alto, Madragoa e Castelo, Alfama e Mouraria.

O regulamento explica ainda

Bairro Alto, Madragoa, Alfama e Mouraria fazem parte da zona de contenção. Junta-se a Colina de Santana



Baixa, Av. da Liberdade, da República e Almirante Reis estão excluídas das áreas de contenção

que as áreas que são consideradas de contenção absoluta são «as zonas turísticas homogêneas que apresentam um rácio entre estabelecimentos de alojamento local e número de fogos de habitação permanente que seja superior a 20%».

No entender da vereadora do PCP, excluir algumas áreas da contenção só vai agravar o problema uma vez que poderá haver uma migração de alojamentos locais. «A Almirante Reis tem ainda muitos habitantes. Vão criar zonas de pressão sobre os moradores que ainda habitam essas zonas. Vamos ficar ainda com menos moradores», acusa.

Ana Jara garante ainda que, uma das preocupações, é o facto de haver exceções nas zonas de contenção absoluta «ao abrigo

do interesse do município, interesse especial para a cidade». Designação que a vereadora garante não entender. «Acharmos que não deveria haver exceções e as que podem existir são de grandes investimentos. É um pouco aquilo que já se fez. É importante olhar para os investimentos e pensar na cidade ou no que é o verdadeiro interesse da cidade. Se calhar Alfama precisa de mais habitação, não precisa de mais um estabelecimento de alojamento local», reforça.

Ainda numa nota enviada, o PCP garante que «no que respeita à fiscalização e a necessidade de um acompanhamento e monitorização da evolução do número de estabelecimentos de alojamen-

to local, é criada uma Comissão de Acompanhamento que não prevê a participação dos moradores, excluindo assim um contributo fundamental».

Acabar com a atividade?

Em entrevista ao *i*, em maio deste ano, o presidente da Associação do Alojamento Local em Portugal (ALEP), Eduardo Miranda, avançava ser normal que as câmaras municipais criassem as zonas de contenção onde houvesse pressão. Ainda assim, alertou para o facto de serem necessários critérios objetivos e claros. «Não é dizer que se aquela freguesia não pode ter mais eu também não quero. Caso contrário acaba com a atividade ou até com o próprio desenvolvimento do turismo na cidade», destacou.



Economia

INCERTEZAS PODEM COMPROMETER METAS DO OE

Sónia Peres Pinto

sonia.pinto@sol.pt

Governo aponta para crescimento de 2% em 2020 e para défice zero. Analistas contactados pelo SOL apontam para riscos e para algum 'otimismo excessivo'.

O Governo acredita que a economia portuguesa vai crescer 1,9% este ano, mantendo as previsões incluídas no Programa de Estabilidade, apresentado em abril. Mas para o próximo ano as previsões foram revistas em alta com o ministério de Mário Centeno a afirmar que Portugal vai crescer 2%. Os números foram apresentados no Projeto de Plano Orçamental entregue, esta semana, a Bruxelas e não surpreendem os analistas contactados pelo SOL.

De acordo com Eduardo Silva, diretor da XTB Portugal, as metas são possíveis e não são ambiciosas. Em relação ao crescimento de 2%, admite que parece forte, mas reconhece que acontece numa conjuntura internacional que é excecional. «O crescimento é alimentado, em grande parte, por políticas monetárias expansionistas dos principais bancos centrais que inundam o mercado de liquidez, isto segue a ordem natural, banco central dá folga aos bancos, bancos dão folga ao consumidor e tudo flui. A realidade é que 2% é medíocre ou baixo quando entendemos o que se passa a nível global». Mas deixa um alerta: «Tudo depende da conjuntura internacional, o mercado segue inundado de dinheiro barato com o apoio do BCE, os 'credit ratings' têm vindo a ser melhorados e permitem financiamento a níveis mais vantajosos que dão a folga necessária para um ligeiro aumento do investimento por parte do Governo».

Opinião contrária tem Pedro Amorim, analista da corretora Infinox, ao garantir que as previsões de crescimento estão bastante oti-

mistas. «Neste momento, a rubrica mais importante é a do consumo em que poderá ter quedas devido ao receio de nova crise, e o Governo atual aponta para um crescimento dessa rubrica o que é um cenário extremamente exagerado», refere ao SOL.

Já em relação ao crescimento de 2% para 2020, o analista também garante que é fraco e dá o exemplo de Irlanda. «A economia Irlandesa teve um crescimento superior a 6% ao ano no pós-crise. Seria desejável Portugal crescer esses valores, uma vez que somos um país pequeno e com uma economia ainda pouco desenvolvida em relação aos grandes países europeus. Esta diferença deve-se em focos diferentes: Investimento versus Consumo. Portugal apostou demasiado no consumo», salienta o analista da Infinox.

Défice zero

No esboço e, tal como já vinha a ser assumido nos últimos meses pelo ministro das Finanças, o défice foi revisto em baixa de 0,2% para 0,1% do PIB, justificando a melhoria com uma subida da receita acima do esperado. «Em 2020, o Projeto de Plano Orçamental prevê uma evolução da receita em linha com o cresci-

mento nominal do PIB, enquanto a despesa pública evolui de forma consentânea com os compromissos políticos assumidos ao longo da legislatura que agora termina», diz o documento. E dá como exemplo «o impacto orçamental decorrente da fase final do processo de descongelamento das carreiras da administração pública; os projetos de investimento público, entretanto autorizados e, nalguns casos, já em execução; e o crescimento das prestações sociais decorrente do reforço da prestação social para a inclusão, do subsídio de parentalidade e do abono de família».

Mas nem tudo são boas notícias. Pedro Amorim lembra que os custos com a banca irão ser os principais riscos para que a meta seja atingida. «Mais custos com o Novo Banco vão existir, resta saber quanto», refere ao SOL.

Recorde-se que, no Programa de Estabilidade 2019-2023, o Executivo estimou um défice de 0,2% do PIB este ano e um excedente de 0,3% em 2020. Mas, no final de setembro, Mário Centeno chegou a admitir que o défice deste ano poderia ficar «ligeiramente» abaixo dos 0,2%, nomeadamente na sequência das receitas de IVA.

Carga fiscal elevada

O Governo desceu agora em três décimas a previsão para o saldo orçamental em 2020, de um excedente de 0,3% para um saldo nulo. Ao mesmo tempo, antecipa que o rácio da dívida pública fique em 2019 e em 2020 se fixe em 119,3% e 116,3% do PIB, respetivamente, quando no Programa de Estabilidade apontava para 118,6% e 115,2%.

A carga fiscal mantém-se nos 34,9% em 2019, mas recua em 2020. A carga fiscal deverá manter-se nos 34,9% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2019 e baixar uma décima, para 34,8%, em 2020. Os 34,9% de carga fiscal projetados

BRUNO BONSALVES



para 2019 são idênticos ao valor apurado para 2018 na sequência da revisão da base das contas nacionais (que passou a ter por referência o ano de 2016) pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Segundo os dados provisórios do organismo para 2018, conhecidos em setembro, a carga fiscal, que inclui receita de impostos e contribuições efetivas fixou-se em 34,9%, contra a anterior previsão feita em março, de 35,4% do PIB.

Apesar desta revisão em baixa, o valor estimado para 2018, continua a ser o mais elevado desde pelo menos 1995, ano do início da série disponibilizada pelo instituto.

Recorde-se que no Programa de Estabilidade 2019-2023, apresentado em abril, o Governo projetava uma carga fiscal de 35,1% em 2019 e 2020; de 35,0% em 2021 e 2022; e de 34,8% em 2023.

Eduardo Silva lembra que algum alívio para as empresas «parece importante para fomentar o crescimento considerando os recentes aumentos no salário mínimo e com um Governo

sem maioria este tópico voltará de certeza a ser ponto de negociação. Se considerarmos que temos o salário mínimo mais elevado da Europa relativamente ao mínimo, entendemos que igualmente neste ponto as empresas necessitam de alguma folga para acompanhar estes aumentos nos restantes salários».

Taxa de desemprego

O Governo reviu em baixa a estimativa para a taxa de desemprego para 6,3% este ano, em comparação com a previsão anterior que apontava para 6,6% inscrita no Programa de Estabilidade, em abril. Para o próximo ano, as expectativas apontam para que a taxa de desemprego desça para 5,9%. «É natural que se mantenha ou seja revista em baixa. Nestes valores a economia segue num caminho favorável uma vez que é um dos pilares de crescimento. Não existem razões para esperar uma inversão da tendência nesta altura», refere o analista da XTB.

'Os custos com a banca irão ser os principais riscos para as metas do Governo', admite analista



Maior crescimento da economia e menor défice são as previsões de Mário Centeno

Já Pedro Amorim garante que o principal risco estará no desemprego do setor do turismo e da restauração, onde foram criados mais empregos nos últimos cinco anos.

Nos números enviados a Bruxelas, o Governo melhorou as estimativas para o consumo privado, este ano e no próximo, de um crescimento esperado de 1,8% nos dois anos (previsão de abril) para 2,2% e 2,1%, respetivamente. Já para o investimento (Formação Bruta de Capital Fixo), o Governo reviu em alta a previsão de crescimento para 8,2% este ano, face aos 5,3% esperados em abril, e depois dos 5,8% registados em 2018, antecipando uma desaceleração para 5% em 2020 (mais uma décima do que o previsto antes).

Para Eduardo Silva, as metas ainda são realistas, mas aponta incertezas. «Durante quanto tempo conseguimos assistir a este nível de consumismo é incerto mas enquanto as variáveis não se alterarem os padrões vão se manter. Crédito barato, consumo forte. É ine-

vitável». Por seu lado, Pedro Amorim afirma que estas previsões estão fortemente dependentes da evolução da economia europeia. «Estamos a ver as maiores economias a entrar em recessão e apontar para a melhoria destas duas rubricas pode ser imprudente».

CFP com 'reservas'

O Conselho de Finanças Públicas (CFP) apontou «reservas» sobre as estimativas incluídas no Projeto de Plano Orçamental 2020. A instituição liderada por Nazaré Cabral justifica-as com a «ausência de previsões macroeconómicas comparáveis produzidas por outras instituições [que] dificulta a qualificação quanto à sua probabilidade».

Além disso, os «elementos explicitados neste parecer relativamente ao comportamento das componentes da procura, em particular das exportações e das importações em 2020, não permitem considerar o cenário apresentado como prudente,

dados os elevados riscos descendentes que incidem na previsão de aceleração da atividade económica em 2020», refere.

Uma previsão baseada em pressupostos que, segundo o CFP, não permitem considerar o cenário apresentado como prudente, dados os elevados riscos descendentes que incidem na previsão de aceleração da atividade económica em 2020.

Já em relação à previsão de crescimento para 2019, o CFP considera-a como «mais provável». Ainda assim, lembra que, dada a revisão do INE para o crescimento do PIB em 2017, 2018 e no primeiro semestre de 2019, e manter-se uma previsão de crescimento para o corrente ano igual à que tinha no Programa de Estabilidade «implica que esse cenário ou era demasiado otimista na altura da sua elaboração ou o abrandamento da economia agora estimado para 2019 é mais forte do que o anteriormente esperado pelo Ministério das Finanças».

→ OUTRAS MEDIDAS

Empresas públicas

O Governo encerrou em menos de dois anos 25 empresas públicas 'não-produtivas ou redundantes', estando atualmente a ser 'reestruturadas ou identificadas para liquidação' outras empresas com resultados operacionais negativos, para evitar 'custos estruturais desnecessários'.

Investimento

O Governo prevê investir 168 milhões de euros na compra de 22 comboios para o serviço regional nas linhas do Douro, Oeste e Alentejo. No entanto, as novas composições só deverão ser entregues entre 2023 e 2024. Ao mesmo tempo, estão em obra mais de 200 quilómetros de linhas ferroviárias, o que representa um investimento superior a 170 milhões de euros. Além disso, está em desenvolvimento um programa de investimento em material circulante, com um investimento de 45 milhões de euros com vista a reforçar a curto prazo a frota da CP. Está também prevista a contratação de 120 trabalhadores para a CP e de 67 trabalhadores para a Empresa de Manutenção de Equipamento Ferroviário (EMEF).

Ligação a Marrocos

Até ao final do ano, o Governo compromete-se em apresentar os resultados do estudo sobre a viabilidade da construção de uma interligação elétrica entre Portugal e Marrocos.

Balcão único

O Governo anunciou que irá criar um balcão único da Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) e da Segurança Social para 'a gestão articulada dos créditos públicos e participação em processos de reestruturação, e a concessão de estímulos, nomeadamente de índole fiscal, à diversificação dos instrumentos de investimento em PME'. No entanto, esta medida encontra-se ainda em fase de elaboração.

Programa Capitalizar

O programa que, arrancou em 2016 e registou uma taxa de

execução de 94%, vai-se manter e tem como objetivo melhorar as condições de acesso ao financiamento das PME.

Simplex reforçado

O Governo aproveitou também para fazer um balanço do programa Simplex – que tem como objetivo ajudar na simplificação e modernização administrativa – que, no ano passado, registou uma taxa de execução de 83%. O estudo da EY pedido pela Comissão Europeia para avaliar o impacto de 40 medidas das edições de 2017 e 2018 e identificou poupanças monetárias de 267,8 milhões de euros e de tempo na ordem das 17,9 milhões de horas. Para a nova edição, o Executivo destaca algumas medidas, como por exemplo a implementação da DR Única – 'fundir a Declaração de Remunerações (Segurança Social) e a Declaração Mensal de Remunerações (Autoridade Tributária e Aduaneira)' – e o alargamento do pré-preenchimento da declaração periódica de IVA, 'com recurso a dados do sistema e-Fatura e com aumento do número de campos pré-preenchidos, designadamente o referente ao IVA dedutível'.

Custa Quanto

A ferramenta Custa Quanto, que tem como objetivo medir o impacto das iniciativas legislativas, gerou uma diminuição de encargos de cerca de 18 milhões de euros.

Ensino adultos

Quase 300 mil adultos inscreveram-se e terminaram com êxito diferentes formações dos Centros Qualifica nos dois últimos anos e meio, segundo dados do Governo que tem como meta ter 600 mil inscritos até 2020. A baixa escolarização da população adulta levou o Governo a lançar o Programa Qualifica que, entre janeiro de 2017 e agosto deste ano, permitiu a 291.650 adultos ter a certificação na modalidade de educação e formação em que se tinham inscrito.

ID: 83077599

18-10-2019 21:06



Lanzarote, exceção no turismo

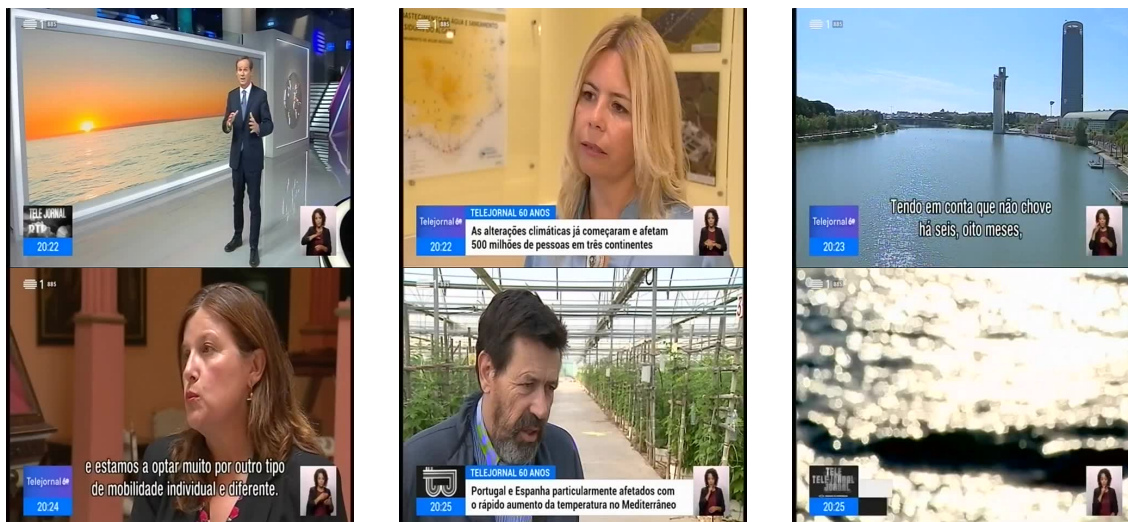
<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=aad5fe0c-4ebb-442b-abb8-035d7a333d21&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

Tal como na Madeira também nas Canárias, o turismo está em queda, a falência de companhias aéreas e operadores turísticos e a reabertura de mercados concorrentes fez diminuir a procura.

Repetições: RTP Madeira - Telejornal Madeira , 2019-10-18 23:30

RTP Madeira - Telejornal Madeira , 2019-10-18 05:02

RTP 3 - Telejornal Madeira , 2019-10-18 05:02



Alterações climáticas na Bacia do Mediterrâneo

<http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=8e6b3792-7175-47ce-9ff7-fb3eefb53362&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae>

As alterações climáticas já começaram. Há um ponto do globo em que as alterações afetam diretamente 500 milhões de pessoas de três continentes. Trata-se da Bacia do Mediterrâneo onde a temperatura está a aumentar a um ritmo 20% mais rápido do que no resto do planeta. Declarações de Teresa Fernandes, diretora Comunicação Águas do Algarve, Luís Dias, investigador coordenador Plano Adaptação Alterações, Esperanza Caro, diretora Desenvolvimento Sustentável CM Sevilha.